

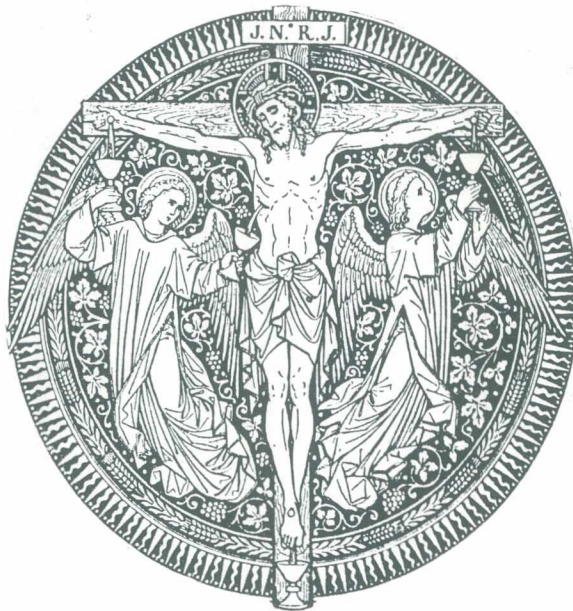


A comunicação na guerra, na ditadura e na “democracia”

TV E CULTURA

O espírito e o psiquismo influenciam no viver bem

“CONVERTEI-VOS E CREDE NO EVANGELHO”



Estamos em tempo de quaresma. Tempo de penitência. Tempo de conversão. Em todos os lares, nas comunidades onde a Bíblia é partilhada, onde a Palavra de Deus tem espaço para uma reflexão, certamente, ouvimos estas palavras de Jesus “*Convertei-vos e crede no Evangelho!*” Cabe-nos perguntar o que significam estas palavras para nós, para a nossa vida de Cristãos. Sabemos de antemão que “crer no Evangelho” não é tão simples assim. Quando nos deparamos com os valores que a sociedade nos impõe, percebemos mais facilmente a dificuldade de compreender esse imperativo: “*Crede no Evangelho!*” É que começamos a entender que não se trata de um simples convite. Trata-se de um desafio, que nos coloca diante de nós mesmos, que nos faz perguntar acerca de nosso projeto de vida cristã.

Os mais belos discursos que fazemos ou que ouvimos podem estar longe deste grande desafio. Crer no Evangelho indica antes de tudo uma ação que transforma o mundo ao nosso redor. A experiência de vida é que vai nos revelar: “Este na verdade tem fé!” Diante da injustiça de um sistema capitalista, antievangélico em que vive o nosso País, é preciso ser muito corajoso para aceitar de peito aberto este desafio. Houve muitos desses corajosos que foram assassinados, porque levaram a sério as palavras de Jesus, arregaçaram as mangas e se tornaram povo, buscando cortar as raízes das injustiças que o poder político e econômico geram, por serem montados estrategicamente para atender a uma pequena elite. Vemos, portanto, que crer no Evangelho está apontando para um modo de vida diferen-

te do que nos impõe a sociedade que aí está.

Não podemos entender um projeto de vida cristã tapando os olhos e os ouvidos e sendo coniventes com o acelerado “progresso” de um sistema que valoriza tudo o que é lucrativo e que deixa o ser humano à margem da Vida. Afinal o Reino de Deus tem a ver com tudo isso. A liberdade que Jesus Cristo nos ensina passa pelo ser humano, atinge todo um mundo que está à nossa volta como desafio que ninguém pode assumir por nós. A iniquidade é uma grande barreira para a convivência humana e Jesus pagou caro por fazer essa denúncia. A grande tarefa nossa é descobrir esta Verdade no nosso dia-a-dia. É impossível crer no Evangelho e rezar de braços cruzados. “*Crede no Evangelho!*” (CIC).

José Sebastião da Silva

am 90 ANOS
avemaria

Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob n.º 22 689, no SEPJR sob n.º 50, no RTD sob n.º 6, e na DCDP do DFP, sob n.º 199. P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTPS) n.º 14696

Administração: Hely Vaz Diniz

Arte: Roberta Masciarelli (direção), Rubens Barbosa e Nelson Veríssimo (assistentes)

Preparação e revisão: Horácio Menegat

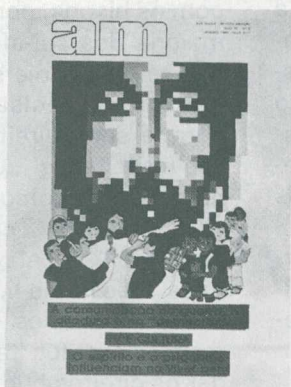
Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 — (Vila Buarque — CEP 01226) — São Paulo.

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. Tel.: (011) 66-2128 e 66-2129. Cx. P. 54215 (CEP 01296) — São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista *Ave Maria* — A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinaturas são feitas por banco ou correio.

Preços: números avulsos: Ncz\$ 0,60; assinatura nova e renovação: Ncz\$ 6,17; assinatura de benfeitor: Ncz\$ 12,00.



CAPA: CAMPANHA DA FRATERNIDADE

O tema da CF-89 deve ser trabalhado sob o prisma da fé, pautando métodos, conteúdos, critérios e linguagem na comunicação de Deus; mas, deve ser tratado também, em sintonia com a abordagem da comunicação no mundo de hoje. Isto exige de todos uma atitude de conversão, para descobrir no coração do homem, no centro de cada acontecimento, no cerne das relações sociais e da história, a força transformadora da Ressurreição.

COMUNICAR A VERDADE

A Campanha da fraternidade deste ano de mil novecentos e oitenta e nove tem como lema: "Comunicação para a Verdade e a Paz".

Os cristãos refletem nessa campanha a importância da verdade na comunicação como instrumento que cria e reforça os laços fraternos.

A Campanha da Fraternidade 1989 vai lembrar que existe o direito de dizer a verdade, de expressar o que se pensa e de se afirmar o que acontece consigo e com a comunidade. Além disso a campanha da Fraternidade-89 vai despertar nos cristãos e nas pessoas de boa vontade a consciência do direito de ser informado corretamente sobretudo através dos meios de comunicação social a TV, o rádio e a imprensa escrita em seus vários modelos.

A comunicação humana se dá em todos os níveis, na família, no trabalho, na comunidade eclesial, na comunidade do bairro. A atuação do homem de fé nesses grupos sociais tem a finalidade de estreitar os laços de fraternidade e de implantar a justiça e a paz. Em empenho exige consciência da força e dos objetivos da comunicação. Por isso se faz necessário aprender a ver e a ler criticamente as mensagens dos Meios de Comunicação Social porque é deles que "aprendemos" os critérios de avaliação da realidade. Perceber que "verdade" e que "valores" a televisão, o rádio, a imprensa, o cinema, o disco, o teatro, transmitem.

Favorecem ou não o diálogo?... Alimentam ou não a repressão?... Protegem ou não os direitos humanos?... Mantêm ou não o "status quo"?... Fomentam ou não o espírito de solidariedade?... Lutam ou não pela justiça?... Promovem ou não a consciência da participação e corresponsabilidade?... Enfim, se os valores, como o bem comum, a democracia, o reconhecimento à igual dignidade de todos são ou não "passados" para o telespectador, o radiouvinte, o leitor de jornais.

Neste número chamamos a atenção do leitor para o artigo, "A comunicação na guerra, na ditadura e na democracia" do jornalista José Carlos Salvagni, que analisa alguns pontos da nossa recente história brasileira, onde se pode perceber o jogo da comunicação por interesses políticos e econômicos em detrimento das liberdades democráticas e da justiça em favor do povo. E, também, como a comunicação tem mantido uma campanha sistemática de destruição da imagem da Igreja.

Neste ano os cristãos são convocados pela C.F. para um grande desafio: rever a vida em comunhão, fraternidade e partilha, refazer os nossos processos e métodos de comunicação pessoal e comunitária, avaliar o conteúdo das mensagens dos MCS, marcar presença entre eles e inovar no uso das técnicas de comunicação para que o Evangelho se torne mais evidente e presente na sociedade.

A CF pretende ser um instrumento que ajude a Igreja a alcançar o grande objetivo: "Evangelizar o povo brasileiro em processo de transformação sócio-econômica e cultural, a partir da verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem, à luz da opção preferencial pelos pobres, pela libertação integral do homem, numa crescente participação e comunhão, visando a construção de uma sociedade mais justa e fraterna, anunciar assim o Reino definitivo".

P.C.G.

SUMÁRIO

- | | |
|--|--|
| 4 • A IGREJA NO MUNDO | 16 • PÁGINA DO CATEQUISTA |
| 6 • MENSAGEM MARIANA | 17 • MEU LAR, MINHA ALEGRIA |
| 7 • AM RESPONDE | 20 • A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA |
| 8 • A COMUNICAÇÃO NA GUERRA, NA DITADURA E NA DEMOCRACIA | 23 • RELENDO A BÍBLIA |
| 15 • TELEVISÃO E CULTURA | 24 • ALCOOLISMO |

ONU: Reestruturação da informação preocupa 3.^o mundo

Nova York (IPS-AGEN) — Ainda que elogiem o fato da Organização das Nações Unidas (ONU) ter tomado a iniciativa de desenvolver as comunicações do Terceiro Mundo, numerosos diplomatas têm afirmado que o atual plano de reestruturação informativa do organismo não reflete as preocupações dos países subdesenvolvidos.

Segundo fontes diplomáticas, a ONU não dá suficiente atenção à promoção dos direitos do povo palestino, à independência da Namíbia e às atividades antiapartheid. E mais: eles consideram que o apoio informativo ao desenvolvimento econômico e social do Terceiro Mundo passou a um segundo plano na nova estrutura e reforma do Departamento de Informação Pública da ONU.

Rádios independentes

— Grande parte das críticas em relação ao Terceiro Mundo vem do fato de que na reestruturação serão integradas as unidades de rádio que se encarregam da Palestina, Namíbia e do Apartheid, ao contrário do que havia antes, com estruturação independente das rádios, feita regionalmente. "Não se podem ocultar ou passar por cima ou ainda sacrificar as necessidades políticas do Terceiro Mundo", afirmou o delegado da Argélia, Abdhalla Baali.

Cresce o número de seminaristas na URSS

Moscou (Novopress) — O número de admitidos nas escolas religiosas de Moscou vem aumentando de ano para ano, segundo informa a agência Nóvosti. Em 1988, mais 120 jovens ingressaram no seminário da Igreja ortodoxa Russa para cursar o primeiro ano e outros 50 admitidos na academia religiosa. O número de alunos da escola de Sochantres, que funciona junto ao seminário e forma diretores de coros religiosos, cresceu em mais 60.

A Igreja Ortodoxa Russa dispõe de duas academias e três seminários. Entre os centros docentes religiosos de maior prestígio estão as escolas situadas na Laura da Santa Trindade e São Sérgio, mosteiro localizado na região de Moscou, que acaba de celebrar 650 anos de fundação. Pelo menos quatro novos estabelecimentos de ensino religioso deverão ser inaugurados brevemente na Sibéria, Ucrânia, Bielorrússia e na região do Volga.

Outras Igrejas e comunidades religiosas existentes na URSS também assinalam um aumento de alunos em seus centros docentes. É o caso das Igrejas Apostólicas da Armênia, da Igreja Ortodoxa Georgiana, do Conselho dos Batistas Evangélicos e dos seminários católicos. As Igrejas Luterana e Adventista do 7.^o Dia também têm escolas na URSS. A Direção Religiosa dos Muçulmanos da

Ásia Central possui uma universidade de teologia, a Sinagoga Coral de Moscou tem sua escola religiosa e os monges para templos budistas são formados pelo Centro Religioso dos Budistas.

Associação das domésticas inicia campanha de filiação

São Paulo (AGEN) — A Associação Profissional dos Empregados Domésticos de São Paulo está intensificando a campanha de filiação de trabalhadores à entidade, "a fim de que mais pessoas unam-se à nossa luta", como frisou Jandira Rodrigues, a presidente. A Associação fica na rua Capri, 63, junto à Fepasa, Pinheiros, capital, com o telefone (011) 212 6554.

O interesse em fortalecer a entidade deu-se a partir da conquista de vários direitos na nova Constituição: décimo-terceiro salário, aviso prévio, descanso semanal, férias remuneradas de 30 dias (mais um terço do salário), 120 dias de licença-maternidade, cinco de paternidade e o direito a não receber menos de um salário mínimo.

Lembrou Jandira Rodri-

gues: "Estamos comemorando a vitória de ver compensado o esforço da luta das nossas Associações na conquista dos nossos direitos. Durante 26 anos estamos nos reunindo, nos organizando, com a ajuda de pessoas que sempre apoiaram nossa luta".

A Associação mantém um Departamento Jurídico, todas as quintas-feiras, de 8 às 12h. As reuniões são em todo quarto domingo de cada mês, às 16h, na sede da entidade.

África do Sul

Pretória (AGEN) — Em mensagem relativa aos 40 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, a Conferência Católica dos Bispos da África do Sul lembrou que o governo deste país é um dos únicos que não subscreveram o documento. Isto ocorre, de acordo com os bispos, porque "a maioria dos sul-africanos não tem controle sobre o governo, precisamente porque seus direitos não são respeitados". Citando documentos como a encíclica Pacem in Terris, de João XXIII, e palavras do papa João Paulo II, os bispos sul-africanos conclamam os cristãos "a defender os direitos humanos e a liberdade".

ESCOLA "MATER ECCLESIAE"
Rua Benjamin Constant, 23, 3.^o andar
20241 - Rio de Janeiro - RJ

Tendo em vista servir ao povo de Deus e aos seus pastores, a Escola "Mater Ecclesiae" oferece seus cursos por correspondência: Sagrada Escritura, Iniciação Teológica, Teologia moral, His-

tória da Igreja, Liturgia e o novo lançamento "Diálogo Ecumênico".

Informações e inscrições à Caixa Postal 1362 — 20001 - Rio de Janeiro - RJ

MARIA MÃE DE DEUS E MÃE DOS HOMENS

Mauro Zequin Custódio, cmf



Celebramos na fé e na alegria o mistério do Natal, sentindo muito viva entre nós a presença do Menino-Deus e da Virgem-Mãe. O mistério do Natal se situa dentro do grande mistério da Redenção. No drama da Redenção que culminaria na cruz, a Encarnação do Verbo no seio de Maria é o primeiro ato.

Na raiz da grandeza de Maria está sua vocação de mãe de Jesus Cristo. Ser mãe de Jesus é ser Mãe do Senhor. Toda a mariologia, portanto, está fundada neste princípio que no decorrer dos séculos, graças à reflexão teológica, veio se esclarecendo e firmando: “*devendo o Verbo encarnar-se, escolheu uma mãe digna de si e da altíssima missão a que ele era destinado*”. Por força desta escolha, Maria tornou-se uma figura singular, pois só ela pôde gerar uma pessoa que é Deus.

No início do século III, tanto em Roma como em Alexandria, Maria já era invocada como “Mãe de Deus”. Coube, porém, mais tarde, ao Concílio de Éfeso, no ano 431, proclamar dogmaticamente a “maternidade divina” de Maria. A partir desta proclamação, esta verdade tornou-se o núcleo central da fé mariana. Pode-se dizer, com efeito, que a maternidade de Maria é o caráter essencial e distintivo de sua vida. Ser Mãe de Deus não é apenas um grande privilégio; antes, é uma participação profundíssima no mistério divino: a encarnação de Deus.

Naquele tempo, como também hoje, entre os irmãos separados, há quem negue este título de Maria, afirmando ser um exagero de nossa fé. Muitos preferem dizer que Maria é apenas e tão-só Mãe de Cristo. Foi o caso de Nestório (360-440). Para ele Maria não havia gerado uma pessoa divina. A proclamação do Concílio foi, antes de tudo, a solução de um problema cristológico. O Verbo é uma pessoa divina com duas naturezas distintas: a humana e a divina. Maria gerou o Filho de Deus, pessoa divina. Por isso, com toda justiça e sem medo de erro, pode ser chamada “Mãe de Deus” e como tal celebrada. É o que celebramos no dia 1º de janeiro, na oitava do Natal, a maior solenidade entre as festas marianas.

Maria, que deu a vida ao Filho de Deus, continua a apresentar aos homens a vida divina. É considerada também mãe de cada homem que nasce para a vida de Deus. ●

AM RESPONDE

“MARIA É MÃE DE JESUS, NÃO MÃE DE DEUS. TÔ CERTO?”

Esta afirmação ou pergunta me foi feita por um irmão crente. Não foi por escrito, mas numa conversa de rua. E o que eu lhe respondi de viva voz na hora, achei conveniente colocar aqui por escrito, pois nossos irmãos católicos muitas vezes não sabem como responder.

Quando dizemos que Maria é mãe de Deus, é claro que nós não estamos querendo dizer que ela seja mãe e origem da divindade. Apenas estamos reconhecendo que não se pode separar em Jesus a divindade e a humanidade. Elas estão de tal modo unidas na única pessoa de Cristo, que não se pode falar de-le senão como Deus e homem.

A Escritura Sagrada nos dá todo o direito de chamar Maria de “Mãe de Deus”. Basta consultar o primeiro capítulo de Lucas, onde se fala da visita de Maria a Isabel. Cheia do Espírito Santo e movida por Ele, Isabel exclama: “Donde me vem a graça de ser visitada pela mãe do meu Senhor”? — Sabemos que a expressão “Senhor” na boca de um judeu significava o próprio Deus. Isabel demonstra com suas palavras que ela está consciente, pela força do Espírito Santo, de que está sendo visitada pela mãe do seu Senhor, ou seja, do seu DEUS.

Os cristãos já nos primeiros séculos tinham entendido que o mistério de um Deus que se faz homem em Jesus é tão sério e que a unidade da pessoa humano-divina de Cristo é tão real que eles não tiveram dúvidas em tirar a conclusão: MARIA É VERDADEIRAMENTE MÃE DE DEUS!

Padre Manoel Müller, cmf

Dirija suas perguntas a:

AM RESPONDE

A/C Pe. Manoel Müller, cmf

Revista Ave Maria

Rua Martim Francisco, 656

4º andar

01226 - São Paulo - SP

**PARA RENOVAR SUA
ASSINATURA
(OU FAZER UMA
ASSINATURA NOVA)
UTILIZE O CUPOM RECIBO
DEPÓSITO. É MAIS FÁCIL, É
MAIS ECONÔMICO, É MAIS
RÁPIDO.**

LEMBRANDO MARIA ATUALMENTE

José C. R. García Paredes

Recordar Maria no mundo de hoje, onde a justiça e a paz são constantemente violadas é contemplá-la como a mulher que lidera a denúncia das injustiças e o anúncio da alternativa do Reino.



Maria — lembrança viva e atuante no mundo descrente

Se há algo que se deve ressaltar na encíclica *Redemptoris Mater*, é sua insistência no tema de Maria como a “mulher que crê”. Ela lembra Maria a partir da perspectiva da “fé”. Não se trata, por outro lado, somente de uma fé religiosa em Deus, mas de uma fé que leva ao seguimento de Cristo. Por quê?

A Igreja atual está realizando sua missão numa situação muito difícil. Ela se acha situada, sobretudo no primeiro mundo, numa sociedade que, há tempos, já não está marcada pelo sinal da religião. São muitos os que já nem sequer têm dúvidas religiosas. Ateísmo, agnosticismo e indiferentismo são características que definem a vida de não poucos de nossos contemporâneos. O pior é que essa situação afeta, de certa maneira, também o povo de Deus. Algo sumamente preocupante é o êxodo dos fiéis para o mundo da descrença. E especialmente desalentador é o êxodo da mulher — até agora inusitado —, pois ela é a grande transmissora do princípio religioso (P. Evdokimov). Estão desapare-

cendo as convicções religiosas profundas, convictas, interiorizadas, capazes de suportar dificuldades extremamente graves.

Em tal situação, “lembrar” a bem-aventurada Virgem Maria não é apenas uma mera “evocação” de sua figura, uma pura lembrança intelectual. A memória na Igreja é “acontecimento”. Quando a Igreja se recorda de algo, ela acontece ou entra no acontecimento recordado, pois se lembra “diante de Deus” e “no Espírito de Deus”. Lembrar Maria é experimentar sua presença. Ela nos recorda nossas origens, pois foi “igreja nascente”; com ela começamos a ser Igreja de fé; a partir dela somos discípulos amados de Jesus. Maria “é saudada como membro proeminente da Igreja, seu protótipo e destacadíssimo modelo na fé e na caridade” (LG, 53). E, no *Sermão IV*, santo Ambrósio, falando aos fiéis, faz votos para que em cada um deles esteja a alma de Maria, sempre glorificando a Deus. O “sim” de Maria a Deus, apesar de todas as gravíssimas dificuldades a que se viu submetida, é para todos

REVISTA AVE MARIA 2/89

Pagável em qualquer agência do Banco Itaú S/A.

AG. CENTRALIZADORA 0186 - HIGIENÓPOLIS - SP	FINALIDADE	VALOR	AG. CENTRALIZADORA 0186 - HIGIENÓPOLIS - SP	FINALIDADE	VALOR
<input type="checkbox"/> assinatura nova	<input type="checkbox"/> renovação	R\$ 6,17	<input type="checkbox"/> assinatura nova	<input type="checkbox"/> renovação	R\$ 6,17
AG. 0186	CONTA 18.081	DAC 6	CEP 01.238	CIDADE/ESTADO SÃO PAULO - SP	

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP/CIDADE/ESTADO _____

REVISTA AVE MARIA 2/89

Pagável em qualquer agência do Banco Itaú S/A.

AG. CENTRALIZADORA 0186 - HIGIENÓPOLIS - SP	FINALIDADE	VALOR	AG. CENTRALIZADORA 0186 - HIGIENÓPOLIS - SP	FINALIDADE	VALOR
<input type="checkbox"/> assinatura nova	<input type="checkbox"/> renovação	R\$ 6,17	<input type="checkbox"/> assinatura nova	<input type="checkbox"/> renovação	R\$ 6,17
AG. 0186	CONTA 18.081	DAC 6	CEP 01.238	CIDADE/ESTADO SÃO PAULO - SP	

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

CEP/CIDADE/ESTADO _____

AUTENTICAÇÃO MECÂNICA

AUTENTICAÇÃO MECÂNICA

os cristãos uma lição e um exemplo. Precisamos ser herdeiros da fé de nossos pais e mães. De uma maneira especial, devemos ser os herdeiros daquela que foi e continua sendo “nossa mãe na fé”. Nela temos um modelo perfeito para perseverarmos na fé e no amor a Deus.

Maria — sensível e solidária com os necessitados

Recordar Maria é especialmente importante dentro de um mundo que tudo relativiza e poucas vezes põe o pé em algo autenticamente sólido e fundamental, no absoluto. A figura evangélica de Maria é marcada pela coerência de vida, pela unidade interior, pela integração de todos os aspectos que ela vivia. Maria soube integrar sua maternidade divina e sua atenção ao homem necessitado, sua maternidade espiritual e sua pertinência à comunidade pós-pascal, dentro de um mesmo e único projeto de fé. Maria foi coerente do princípio ao fim. Foi simplesmente “a que acreditou”. Fiel à presença e ao abandono, ao dia e à noite, à proximidade e à distância. Quando a Igreja põe seus olhos em Maria, ela aprende a ser coerente, a manter com firmeza e fidelidade as convicções que nasceram da meditação e interiorização da palavra de Deus; aprende a ser fiel nas circunstâncias mais adversas; a não deixar-se dominar pelo medo e a ter sempre nos lábios um *Magnificat* de esperança.

Recordar Maria em meio a uma humanidade cujas três quartas partes padecem uma situação de extrema pobreza, em meio a uma humanidade onde a justiça e a paz são constantemente violadas, é colocar-se a seu lado em seu hino escatológico do *Magnificat*. Lembrar de Maria nessas circunstâncias é contemplá-la como a mulher que lidera a denúncia das injustiças e o anúncio da alternativa do Reino. É colocar-se ao lado dela e de seu filho em favor de um mundo alternativo. Ma-

ria, como em Caná, continua dizendo, ao contemplar a extrema pobreza e as situações indignas de seus filhos, espalhados por todo o mundo: “Eles não têm mais vinho!” Maria quer provocar a aceleração da “hora da salvação” para tanta gente que já não resiste ao sofrimento, à injustiça, à guerra. As lágrimas da mulher caem constantemente sobre este “vale de lágrimas” e imploram a chegada do Reino num ininterrupto *Magnificat*. Lembrar Maria é fazer surgir uma Igreja que opte mais decididamente pelos pobres, pela justiça, pela libertação. A memória de Maria nos impulsiona a uma “práxis audaz”. Maria não impediu que seu filho Jesus exercesse a missão, que se expusesse em Israel para instaurar o Reino; ao contrário, ela antecipou sua hora; Maria consentiu na oblação do filho, sem lutar para segurá-lo junto a si; Maria não quis uma Igreja incipiente, permanentemente preocupada com ela, venerando-a, assistindo-a, ou cuidando dela; ao contrário, contribuiu para o lançamento aventureiro dos apóstolos, acompanhando-os com sua oração intercessora e sua materna irradiação.

Maria — exemplo de santidade e comunhão com Deus

Recordar Maria dentro da Igreja é recordar a vocação para ser santo, quer dizer, entregar-se sem reservas a Deus, seguir radicalmente Jesus Cristo, constituir-se num autêntico santuário do Espírito Santo. A memória de Maria torna-se uma acusação à nossa mediocridade, ao nosso aburguesamento, ao nosso minimalismo evangélico. Mas quem se entrega a Maria recebe estímulos para realizar “a verdade da Igreja”.

Recordar Maria nos levará sem dúvidas às confissões cristãs, a extrair de seu coração a espada da divisão e a lutar pela reunião de todos os filhos de Deus e irmãos de Jesus, hoje tão dispersos. Recordar Maria

é intensificar em nossas famílias a alternativa evangélica do matrimônio cristão, da vocação à paternidade-maternidade. Recordar Maria é redescobrir o sentido de despojamento de si mesmo, até mesmo do próprio corpo, e de doação total, que vai implicando o projeto de virgindade dos chamados para a vida consagrada. Recordar Maria é, para os ministros ordenados, um convite a acolher primeiramente, com Maria, a fé que posteriormente vão proclamar com autoridade.

Maria — testemunho que anima nossa fé

Faz dois mil anos que nasceu a nova Eva. Um mundo novo começou sua alvorada. A luz foi vencendo as sombras. Esse alvorecer tinha rosto de mulher. E nela Deus ia semeando germes de vida. E o Espírito a fazia crescer em graça, em beleza. Faz dois mil anos que a história começou a oferecer os primeiros sintomas de sua plenitude. Ainda que Maria passasse despercebida em Israel, através dela Deus preparava a maior revolução da História.

Depois de dois mil anos, Maria, a nova Eva, ainda não se afastou de nós. Maria, a mulher ressuscitada, continua em comunicação conosco e participa da intercessão constante de Jesus em nosso favor. Com sua ressurreição, ela se eclesializou, de maneira que podemos dizer, cheios de verdade: “Reunidos em comunhão, veneramos acima de tudo a memória da gloriosa e sempre Virgem Maria” (Oração Eucarística I).

Às vésperas do terceiro milênio, não podemos nos angustiar. Deus fez com que ele fosse precedido de um sinal benéfico: “Um grande sinal apareceu no céu: uma mulher...” (Apocalipse 12, 1).

(José Cristo Rey García Paredes é sacerdote claretiano, professor de teologia e diretor da revista Vida Religiosa, em Madri.)

Tradução: Suely Mendes Brazão

A comunicação na guerra, na ditadura e na "democracia"

José Carlos Salvagni

Seguem três casos, mostrando porque, como cidadãos, precisamos prestar mais atenção, examinar a origem, tipo e qualidade da informação que nos é prestada, com suas ênfases, omissões, parcialidades e julgamentos.

Os casos, naturalmente polêmicos, mostram como todo o poder precisa ter opinião pública favorável. Mostram também, em consequência, como é vital criarmos condições para, ao mesmo tempo, preservar o livre fluxo da informação e das opiniões, mas ao mesmo tempo nos defender democraticamente das informações, opiniões, versões e omissões não verdadeiras, abusivas, "produzidas" por grupos ou pelo Estado.

Esses desvios de informação comprometem o instituto da cidadania (a soberania do povo sobre a nação, a administração, etc), a Democracia, a existência pluralista, e as instituições baseadas na soberania popular como a República (a "coisa pública", que é para ser de todos), a Federação (desconcentração do poder e autonomia local), e a Independência nacional (o País pertence a todos, ainda que a maioria não esteja investida materialmente dessa posse).

Fluxos de informação orientados, fabricados, "legitimam" governos ilegítimos, sacralizam tiranos, dividem e submetem a população. Lembremo-nos dos acontecimentos de 37 e 64!

"Produzindo" comunicação para a guerra

Suprimindo intencionalmente trechos de um telegrama, o chanceler alemão Otto Von Bismarck provocou, como desejava, uma guerra contra a França, resultando em 141 mil mortos⁽¹⁾.

Algum tempo depois, na I Guerra Mundial, o Governo inglês, para contornar o sentimento mais pró-Alemanha do que pró-França de boa parte de sua população (ressentimentos com as guerras napoleônicas), instalou um Departamento de Propaganda Inimiga, conseguindo contornar esses sentimentos na mobilização para a guerra (1918). Um ano antes o Governo americano também havia criado uma Comissão de Informação Pública, com o mesmo objetivo, sob a responsabilidade de um publicitário chamado George Creel⁽²⁾.

"Produzindo" comunicação para a ditadura

A ditadura Vargas tinha um forte e bem articulado esquema de "produção" de imagem do ditador, da legitimidade e

necessidade da ditadura e de seus atos contra os insubmissos, e de convencimento da população, a cargo, principalmente, dos Ministérios da Justiça e do Trabalho, e de departamento famoso para controle da informação no País (o DIP). Foi a primeira ditadura latino-americana a usar os moldes de comunicação da Alemanha nazista⁽³⁾. Foram usados intensamente o rádio (que então surgia no País), a música, o teatro e quantos mais recursos existiam para criar a imagem de um "Getúlio" onipresente em todo o País, íntimo de cada um, sereno e sábio, condutor da multidão com autoridade paterna, capaz de detectar e afastar os inimigos da nação, cabeça do corpo da nação (como Cristo é cabeça do Corpo Místico — a imagem cristã, como outras, foi apropriada pela ditadura). Um "Getúlio" à frente de um Estado prote-

tor e justo, única voz que fala em nome de todos os brasileiros, despolitizando o conjunto da sociedade, misturando "proteção trabalhista" com atrelamento sindical, repressão, delação e tortura. Cooptavam-se intelectuais para aplaudir e ajudar a pensar, perseguindo os recalitrantes. Montaram-se esquemas mobilizadores tipo "Marcha para o Oeste" para mostrar como a ditadura estava preocupada com o progresso e o avanço do País⁽⁴⁾, uma ilha de paz e prosperidade.

Como em toda a ditadura, os símbolos, hinos nacionais, etc., são hipervalorizados. E o nome de Getúlio passa a ser dado a grandes instituições, provas esportivas, logradouros públicos, moeda e sua vida é recontada convenientemente, para ser cantada e recitada em prosa e verso.

O esquema — basta um simples esforço de memória — foi reproduzido e melhorado durante o período de intervenção militar de 64, "uma duplicata" disse um historiador⁽⁵⁾. Agora, em vez do rádio, era a TV que se desenvolvia, instalando-se em rede nacional, com uma assessoria especial de imprensa e relações públicas trabalhando a imagem do interventor (Presidente) para ser simpático à população ainda que desconhecido e sem voto. Quem não se lembra da imagem do Presidente com radinho de pilhas no ouvido, "popular", amante do futebol, etc, ou do "Presidente João", enquanto censura, prisões, mortes exílios e cassações andavam à solta? Em vez da "Marcha para o Oeste", agora eram a Transamazônica, o Plano de Integração Nacional, etc. Pergunta-se: sem o rádio e a TV a intervenção militar teria agüentado tanto tempo? Alguém se deu conta de que Brasília se tornou forte militar, isolado do País? E, principalmente: como evitar que isso ocorra novamente, deixando-nos conduzir a um estado de sonambulismo nacional?

A intervenção militar, como é óbvio, subverteu a República, a Federação, o instituto da cidadania e todos os valores de um País livre e independente.

"Produzindo" Comunicação para a Democracia (Restrita)

Executando um projeto de "limpeza" e "construção" de imagem, a em-



presa de Relações Públicas, ADS, de São Paulo comemorou o abrandamento da imagem reacionária, atrasada, da UDR, ao insistir junto aos órgãos de comunicação que a entidade não era "contra" a Reforma Agrária, mas contra a tomada de "terras produtivas". Assim, segundo a ADS, a UDR conseguiu "a mudança nos rumos da Reforma Agrária" e seu Presidente foi indicado como "Homem de Visão 87". A própria ADS ganhou um prêmio especial do Conselho Regional de Relações Públicas, presidido, por sinal, pelo dono da ADS, Antônio de Salvo⁽⁶⁾.

É evidente que sem a posição ostensivamente favorável dos meios de comunicação de massa, a UDR não teria conseguido tão fácil e rapidamente o que conseguiu, nem foi ela, de fato, quem conseguiu tudo. Bastaria os meios de comunicação defenderem um projeto de Democracia ampla e despejarem contra ela a retórica, publicitariamente elaborada e insistente, que elaboraram contra os favoráveis à Reforma Agrária. Argumentos não faltariam: a origem excusa da maior parte dos grandes latifúndios, principalmente na Amazônia e Centro-Oeste, na base da grilagem, violências, mortes, dinheiro farto e quase gratuito do Governo, suporte policial, queimas de cartórios, etc. **COMO É QUE DEVE SER A COMUNICAÇÃO PARA A DEMOCRACIA AMPLA, A CIDADANIA PARA TODOS?**

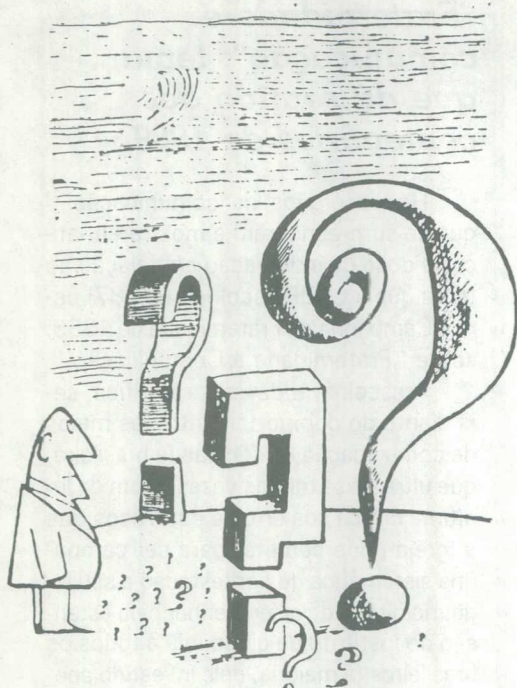
"Fraternidade e comunicação": tema que dá sentido aos centenários de 1989

Houve órgãos de comunicação⁽⁷⁾ que se surpreenderam e mostraram até certa dose de indignação em relação ao tema que a CNBB escolheu (em 87) para a Campanha da Fraternidade de 1989, sobre "Fraternidade e Comunicação".

A escolha, todavia, se justifica, seja diante do comportamento dos meios de comunicação na sociedade brasileira, que ultrapassa muitas vezes o tom da legítima crítica aos erros e equívocos que a Igreja pode cometer para ser campanha sistemática de contestação a seu legítimo direito de se empenhar pela extensão do instituto da cidadania a todos os brasileiros (a maioria, dele investido apenas teoricamente), de seu esforço de pedagogia de cidadania. É isso e não pretendo "marxismo" que irrita os setores conservadores brasileiros, acostumados a mandar e a não serem cobrados.

A escolha também se justifica diante do extraordinário ano histórico que é 1989 para o País e também para o mundo, em termos de *Democratização do Estado*, esse grande desafio do mundo moderno que muito sofreu com ele em decorrência das ditaduras, das guerras mundiais ou regionais, das políticas econômicas, onde a manipulação da comunicação teve sempre papel capital.

O ano histórico de 89 oferece potencial enorme de reflexão sobre a Democratização do Estado: trata-se do Centenário da República (um grande projeto dos nossos movimentos autonomistas do passado, que precisa ser retomado, repensado e redefinido); do Bicentenário da Revolução Francesa (que tanto marcou o mundo e a nós); da primeira eleição Presidencial direta (ufa!) depois da intervenção militar de 64; das Constituintes Estaduais (que podem dar um pouco mais de sentido à Federação brasileira); das primeiras Constituintes Municipais em nível nacional da história brasileira. E do necessário debate e mobilização para superar a crise econômica (e conseqüentemente social e política) que breca o País, acentua a miséria e quebra financeiramente o Estado, provocando todas aquelas conseqüências facilmente previsíveis.



Liberdade de Imprensa, uma conquista universal para todos

Os meios de comunicação social podem ser considerados os nossos olhos para o mundo. Como é que nos exibem o mundo? Que partes do mundo e do Brasil nos mostram? Com que estereótipos as nações, povos e problemas nos são mostrados? Com base nos meios de comunicação, quais são as nações, povos ou líderes mundiais que "prestam", e quais os "vilões"?

É fantástico e emocionante ver o homem descer na lua, ver um veículo automático nos mostrar a superfície de Marte, pousado em Marte! E é fascinante esperar as grandes surpresas mais, que, tecnicamente, os meios de comunicação vão nos mostrar daqui por diante. Também é confortador lembrar que esses meios de comunicação, que criticamos em aspectos que podem ser corrigidos se tiverem boa vontade, combateram decisivamente regimes totalitários, despóticos; se alguns se acomodaram, outros agiram. Ao criticar, é fundamental resgatar as cores, a contribuição de cada um, não ficar só no preto ou branco, bom ou ruim. É a importância dessa conquista universal que é a Liberdade de Expressão, da que deriva a Liberdade de Imprensa. Não se pode esconder o positivo. Mas não se pode cair na ingenuidade de não fiscalizar, de não reagir diante de abusos em que os seres humanos e suas instituições — entre os quais, os órgãos de imprensa — são passíveis de incidir. Historicamente, a própria Igreja manteve censura, instituiu um índice de livros proibidos: é necessário reconhecer que a liberdade de expressão foi uma conquista inclusive em relação a ela, não só sobre o Estado.

E, lamentavelmente, os anos recentes mostram sobejamente que nossos meios de comunicação, regra geral, não merecem fé. Seja pela forma como rádios e TVs são adquiridos e montados (concessões para pessoas "confiáveis" do Governo e às elites, concessões que podem ser renovadas), seja pelo comportamento eticamente falho e pouco servidor dos demais meios de comunicação. Não chegam a 10 as famílias que con-

trolam o grande fluxo e os canais mais importantes e decisivos da notícia no Brasil, os que de fato influenciam, modelam⁽⁸⁾ a opinião pública. Há uma clara configuração de monopólio noticioso: o mesmo conjunto de notícias e as mesmas ênfases que se vêem em Porto Alegre, se vêem também em São Paulo e em Recife. Será que a realidade de um País continental como o Brasil é tão idêntica e simplória?

Nos tempos da intervenção militar bastava uma anônima "ordem superior", passada por telefone, para que uma emissora de rádio, TV, jornal ou revista deixasse de publicar algo. Em períodos de Democracia, basta uma "ordem superior" interna para brechar ou modificar essa ou aquela informação, silenciar ou abrir espaço para esse ou aquele político, essa ou aquela autoridade ou personalidade. E o que é legítimo e legal resvala com frequência para o caminho do imoral. São famílias de comunicação que defendem projetos de Democracia restrita, de cidadania para poucos, de ambivalência legal (o que vale para uns de um jeito, vale para outros, de outro jeito, ou o que vale para uns, não vale para outros). Uma concepção de Estado pretensamente Liberal, mas na prática, autoritário e elitista⁽⁹⁾.

Por essa concepção estreita de Democracia, de cidadania, de ordem, de progresso, de República, de Federação e por sua ambivalência e ambigüidades, essas famílias, "nos momentos de festa ou de dor" (Hino da Bandeira) quando a população mostra-se mais independente ou em que fatos novos emergem, constrangedores à velha ordem existente, preferem construir um noticiário e uma retórica favorável à intervenção das armas. Foi assim em 1937, foi assim em 1964⁽¹⁰⁾, erodindo a ordem e o governo constitucional. Nesses casos vale tudo, inclusive a contradição. "A salvação pública tudo sobreleva. Se ela impuser, além de outros, o sacrifício de princípios doutrinários, que a tornem incerta e precária, façamos esse sacrifício".⁽¹¹⁾ Não foi também a imprensa quem criou as condições para a intervenção militar em 64, segundo confessadamente assumem alguns proprietários?⁽¹²⁾

Evidentemente o "sacrifício" acaba gerando censura, etc.

A correta informação é um bem necessário ao cidadão. Um direito. Para

Ao escolher a Comunicação como tema da Campanha da Fraternidade, a meu ver, a CNBB acertou em cheio, não apenas dando uma resposta democrática (enquanto instituição de sociedade civil que é) ao comportamento dos meios de comunicação, mas também porque a informação livre e correta, eticamente orientada, é de suprema importância para a plena vigência da Democracia.

A informação livre e correta, fiscalizada pela população (é bom que o Estado fique fora disso), é essencial para a extensão do instituto da cidadania a todos os brasileiros; para seu efetivo exercício e respeito; para o controle do Estado pela soberania popular (daí "república"); e para um País cada vez mais urbanizado, num mundo moderno com ritmos cada vez mais intensos, embalados e acelerados pela computação.

Não é mais concebível continuar falando em Democracia, em instituto de cidadania, em República, em Federação, em ordem constitucional, em Liberdades Democráticas, honestamente, com a indignância das informações e o descontrole dos serviços de informação de que a população se serve pelo "quarto poder" que é a Imprensa. Não se trata do Estado entrar, mas da população analisar mais, exigir mais, fiscalizar, reagir democraticamente sempre que prejudicada.

tanto nos últimos 300 anos foi-se criando no mundo ocidental toda uma aura de respeito popular, de consideração para com a liberdade de falar e de escrever, em defesa da liberdade de imprensa. O fim de qualquer veículo de comunicação, por inimigo que nos seja, é sempre uma amputação na consciência de um país, o empobrecimento da pluralidade.

Por isso, os meios de comunicação têm sempre encontrado solidariedade por parte da população, quando vítimas de censura e de constrangimentos à sua linha noticiosa, ainda que tenham contribuído para isso, pregando golpes ou exigindo repressão violenta a movimentos sociais. A população porém, não raras vezes, tem sido também traída nas etapas democráticas, com posturas noticiosas e editoriais destrutivas da Democracia, desarticuladoras de governos constitucionalmente eleitos (portanto, legítimos), afrontosas à própria população, na medida em que tentam silenciar parcelas desta com táticas de propaganda maniqueísta de guerra (suprimir "o inimigo", mostrá-lo "indialogável", "subversivo", "perverso", etc).

A Liberdade de Imprensa, que integra o conjunto das Liberdades Democráticas, foi dolorosa e difícil conquista universal para a qual concorreram milhares de pessoas, com suas vidas, seu sangue, sua oblação pessoal, misérias para suas famílias, a censura e a perseguição constante, diante de reis, príncipes, cardeais, igrejas, generais, forças econômicas, com seus panfletos, pequenos jornais, revistas, comícios, manifestações. etc. Evidentemente não havia apenas heroísmo.

"Os séculos XVII e XVIII foram uma época de panfletos produzidos em abundância por escritores como Defoe, Bunyan, Steele, Addison e outros de menor gabarito, e estes, como seus antecessores, continham propaganda para diferentes matizes de opiniões. A esse respeito não eram menos partidaristas do que os jornais, pois até o fim do primeiro quartel do século XIX a imprensa inglesa consistia exclusivamente em jornais de opinião que imprimiam ou deturpavam as notícias com a única finalidade de converter os leitores a seu ponto de vista próprio (13). Suborno e chantagem também funcionavam como "fontes de renda" e de corrupção.

Foi assim que se articulou e desen-

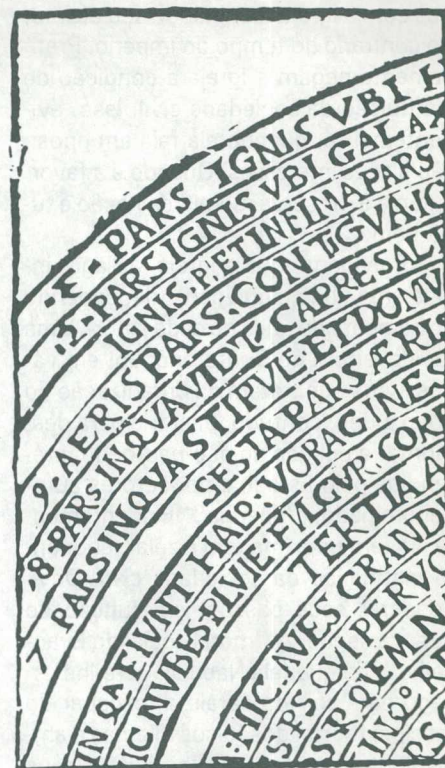
volveu a revolução burguesa e o mais que o mundo viu depois:" A onda de panfletos dos séculos XVII e XVIII exerceu papel enorme na difusão das idéias democráticas por setores cada vez maiores da população, tanto pela disseminação direta de tais idéias, quanto, indiretamente, pelo entrelaçamento de muitos e variados pontos de vista. Isso, a par da ascensão da classe média ao poder, proclamou o início da sociedade democrática na Inglaterra a partir da revolução de 1688 e deu lugar ao que foi denominado "o público de opinião", cujo aspecto principal foi o livre fluxo e refluxo de discussões entre pequenos grupos de cidadãos educados que se reuniam face a face e, por conseguinte, dispunham da possibilidade de retrucar".

E uma informação interessante, válida também para hoje: "Surpreendentemente, face a acontecimentos posteriores, foi o crescimento da publicidade comercial que desempenhou papel capital para tornar os jornais honestos e moderadamente respeitáveis. Pois logo se tornou claro que a aquisição de anunciantes propensos a comprar espaço exigia uma circulação grande, só viável com a apresentação dos acontecimentos de maneira razoavelmente imparcial".

O primeiro jornal surgiu em 1622, na Inglaterra, de propriedade de Nathaniel Butter, de uma folha, o semanário *Weekly Newes*, (14).

Não têm sido poucos os prejuízos sofridos pelo povo no plano político, social e econômico, em consequência da má informação. (Uma pequena pergunta, a propósito: se o dólar no câmbio negro é proibido, se os doleiros são freqüentemente alvos da Polícia Federal, como é, quem é que dá a palavra final na "cotação" diária do paralelo que é divulgada para todo o País pelos meios de comunicação, com tantas consequências sobre o resto da economia?). Não basta responder que os prejuízos dos regimes totalitários à população são incomparavelmente maiores. Quem quer nivelar-se pelo pior?

A população precisa contabilizar os prejuízos, fazer valer sua força enquanto consumidora (pode organizar recusas do jornal na banca, coletivamente, cancelar assinaturas, formar opinião pública contra o produto, etc).. Defender-se, enfim. Isso também é legítimo, em sociedades abertas, livres, pluralistas!



A Igreja, vítima de campanha de destruição de sua imagem

"A deserção, pelo nosso clero, do posto que o Evangelho lhe marcou, foi a mais vergonhosa possível: ninguém viu tomar a parte dos escravos, fazer uso da religião para suavizar-lhes o cativeiro, e para dizer a verdade moral aos senhores. Nenhum padre tentou, nunca, impedir um leilão de escravos, nem condenou o regime religioso das senzalas. A Igreja Católica, apesar do seu imenso poderio em um País ainda em grande parte fanatizado por ela, nunca elevou a voz no Brasil em favor da emancipação" (15).

A dura cobrança do liberal e abolicionista Joaquim Nabuco, feita há mais de 100 anos, quando a Igreja Católica se encontrava manietada e ao mesmo tempo "embalada em berço esplêndido" pela instituição do Padroado, pelo qual, em troca de ser "religião oficial" do Estado, tinha algumas vantagens e muitos prejuízos e constrangimentos (16), não serviria mais hoje. Nabuco teria, quem sabe, de se dirigir aos "liberais" de hoje que, em nome da "separação Igreja e Estado" (grande favor da República) cobram, na prática, um neo-padroado, ape-

nas com a Igreja recolhendo seu dízimo, ao contrário do tempo do Império. Praticamente negam à Igreja a condição de instituição da sociedade civil. Isso, evidentemente, quando ela fala em oposição a seus interesses. Quando é a favor, então é a "reserva moral" da ração e tudo bem.

É evidente que a Igreja, ao agir, incide em falhas, equívocos (dependendo obviamente da ótica de cada setor). Uma rápida leitura no Deuteronômio, em vários livros que tratam da organização do povo judeu, contudo, bastaria para desmontar a política do neo-padroado, pretendida pelo Estado e por setores auto-denominados "liberais". Evidentemente ela tem uma imagem a zelar, enquanto instituição da sociedade civil. Deve ponderar seus passos, em função de quem a segue. A "moral social do Evangelho", de que fala Nabuco, abre-lhe espaço para sair da paralisia, escapar do fascínio mortal dos falsos dilemas e ambivalentes teorias que lhe jogam seus opositores para mantê-la em perplexidade como a mosca diante da aranha, ao cair em sua teia.

É antifraterno e antievangélico defender e lutar pela extensão do instituto de cidadania (tradução jurídica de fraternidade) à população que dela não está investida? É anticristão lutar com firmeza pela preservação e ampliação para todo o povo da tradução política da convivência fraterna e respeito mútuos que é a Democracia? É anticatolicismo lutar e defender que os donos desse país independente (o povo todo) seja investido de fato na posse de seu País, com redistribuição mais justa das terras, da riqueza e do trabalho nacional entre os habitantes? É antinacionalismo deferir minorias ameaçadas de extinção, cobrar Justiça e sobrevivência para os que de fato ocuparam as terras do País, que são os posseiros, caçados como animais? É imiscuir-se nos assuntos do Estado cobrar habitações e vida digna para as populações das periferias das cidades, respeito humano, serviço por parte do Poder Público?

Só quem nunca leu o Deuteronômio e outros livros do Antigo Testamento, que nunca ouviram falar do ano do Jubileu, podem se deixar paralisar e entorpecer por essa cantilena de quem sempre travou o progresso do País. Marxismo? Vá lá que seja alguma concessão.

Porém Marx provavelmente exagerou na ética judaica do Deuteronômio, levou-a à risca e tinha dois avós rabinos a orientá-lo... Um intelectual que estudava 18 horas por dia, que prejudicou sua própria família por isso, não deve ser tão ruim. Mas a Igreja tem sua própria práxis e quem duvida, que estude.

Essa Igreja, instada por Nabuco a pregar "a moral social do Evangelho", contudo, é acusada de "intrometer-se nos assuntos do Estado"⁽¹⁷⁾, de violar o princípio da separação Igreja e Estado⁽¹⁸⁾; de querer "controlar o Brasil"⁽¹⁹⁾; de "intrometer-se num número cada vez maior de questões"⁽²⁰⁾; de "interferir nos assuntos internos do País"⁽²¹⁾; de formar uma "facção na cúpula eclesiástica"⁽²²⁾; de "relegar a segundo plano sua missão espiritual"⁽²³⁾; de fazer "politicagem e subversão"⁽²⁴⁾.

A lista de acusações e agressões contra ela é imensa, com palavras grosseiras, conotações ofensivas, uso de interrogações entre parênteses satirizando e ironizando cargos, instituições, etc, aspas maliciosas, blagues. Todos, evidentemente, recursos de linguagem lícitos, porém bem explícitos...

Não faltam "mini-vaticanos" no Brasil oferecendo insistentemente orientações pastorais através de editoriais exaltados. Bispos e padres têm, à farta, quem lhes ensine o padre-nosso...



Exaltação contra a Igreja, ao limite da histeria

Difícilmente alguém de fora desses autênticos partidos⁽²⁵⁾ que são por vezes os jornais, conseguirá captar com clareza todas as razões que os movem a determinadas campanhas. Os editoriais não dizem tudo. (Está aí mais um desafio à reflexão na Campanha da Fraternidade deste ano).

A Igreja, ao defender os indefesos, e ao lutar pela extensão do instituto da cidadania, do direito conseqüente à propriedade e a tantos outros benefícios a todos os brasileiros — e não apenas a alguns — atraiu primeiro as perseguições dos interventores militares: mortes, prisões, expulsões do País, obstruções à entrada de religiosos, não investigação e punição a assassinos de religiosos e mandantes, etc. Bispos, como D. Helder, foram proibidos de aparecer na TV ou páginas de jornais. Emissoras católicas, como a Rádio São Paulo (ainda não devolvida) tiveram suas concessões cassadas. O próprio Governo de intervenção militar renovava pressões e gestões em Roma contra a CNBB e religiosos: o próprio Presidente Sarney fez viagem a Roma em 1986, orientado por sua assessoria militar, para reclamar ao Papa contra os protestos que, com justiça, sofria a Igreja, entre outros organismos sociais, por ter congelado a Reforma Agrária, subordinando o Estado aos grandes jornais e latifundiários⁽²⁶⁾.

Recentemente, contudo, o grosso das agressões a Igreja sofreu mesmo foi da parte da "grande imprensa" e dos setores econômicos por ela defendidos, em profunda simbiose, aliás. O foco principal de todas as campanhas que se irradiaram por todo o País constituiu-se pelo jornal "O Estado de São Paulo" e seu vespertino (tecnicamente, um dos visuais mais lindos do País) "Jornal da Tarde"; o primeiro, com 170 mil assinantes⁽²⁷⁾, contra 215 mil, de seu maior concorrente em São Paulo, a Folha. Contudo, o de maior faturamento do País. Um jornal centenário, que participou ativamente da Proclamação da República, autodenominado "liberal", e que tem formas muito peculiares de agir politicamente⁽²⁸⁾.

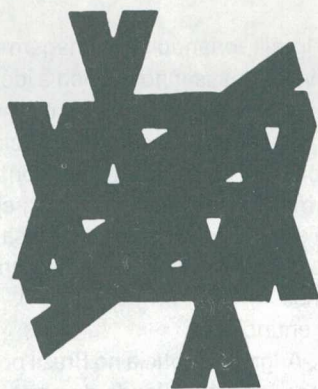
Desde o início do Governo Geisel, pelo menos, o jornal tem intensificado

uma linha editorial crítica à Igreja do Brasil. Seus articulistas sempre ofereceram críticas também à linha de ação do falecido Papa Paulo VI. Um dos alvos preferidos do jornal, e seu vespertino, sempre foi o Cardeal de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, a ponto de algumas vezes sequer citar seu nome em matérias jornalísticas a ele referentes. Com esses ataques o jornal dava cobertura a radialistas que agrediam o Cardeal e a Igreja, por sua política em defesa dos Direitos Humanos e contra a eliminação física, pura e simples, de marginais e bandidos.

Um estudo dos procedimentos e do comportamento do jornal e seu vespertino — apenas nos anos 80 — levando em conta manchetes, origem das matérias, ênfases, constituições de pautas, chocaria, certamente, quem não está acostumado a prestar muita atenção ao que se diz sistematicamente na imprensa e às conseqüências disso. (Na época eu era assessor de imprensa da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo e a cada dia registrávamos golpes, falsificações, o jogo excuso da notícia, os recuos do Governo, sua anuência sistemática, a concordância dos demais órgãos informativos, inclusive concorrentes, e a sociedade inerme, comprando os argumentos formulados de forma falsa e mentirosa).

A linguagem e o teor violento do noticiário e dos editoriais do jornal e de seu vespertino chegaram quase à histeria a partir de 1985, quando o Governo Sarney, ao tomar posse, com base em compromissos assumidos por Tancredo, mostrou alguma disposição de iniciar o cumprimento do Estatuto da Terra, através de um Plano Nacional de Reforma Agrária. Para tanto convidou para presidir o INCRA um fazendeiro moderno, campeão de produtividade, responsável pela introdução e divulgação da soja no Brasil, José Gomes da Silva. Foi um dos redatores do Estatuto da Terra no início do Governo Castello Branco.

A partir da posse do agrônomo, no final de 85, saudada com reportagem violenta, instalou-se o vale-tudo nas páginas do jornal. Distorções grosseiras de declarações, denúncias de "esquerdistas" no Mirad, apelos aos quartéis contra acampamentos e ocupações (uma simples lembrança do Direito Político de Resistência, exercido inclusive pelo republicano Silva Jardim, ao patrocinar fu-



gas de escravos e portanto a quebra do direito de propriedades esclareceriam o assunto), notícias alarmistas endereçadas aos fazendeiros e empresários urbanos; ameaças veladas contra o Governo Sarney caso não recuasse; violências verbais contra Ministros, burocratas e servidores públicos empenhados na Reforma Agrária. "Destilaria de ódio da família Mesquita & Mesquita", desabafou o Presidente do INCRA, José Gomes da Silva, ao voltar à sua fazenda em Pirassununga, em 17 de outubro, abandonando o cargo. É inacreditável, mas está lá na coleção do jornal.

No segundo semestre daquele ano o jornal era atendido em seus apelos aos fazendeiros por mobilizações, com o surgimento da UDR e da multiplicação de leilões de gado e dos assassinatos de posseiros no campo.

Em pleno processo da Constituinte o jornal publicou documentos falsificados, tentando comprometer o Conselho Indigenista Missionário e a Igreja com a defesa de uma política indigenista antinacional. O caso relacionava-se à posição crítica da Igreja (esposada por outros setores da sociedade) contra o projeto militar Calha Norte, concebido no Governo Figueiredo e executado no Governo Sarney. O homem que forjou esses documentos — descobriu o jornal Retrato do Brasil, na época — era vinculado à Mineração Paranapanema, diretamente interessada no Calha Norte. Na seqüência de matérias, o jornal também publicou documentos do Conselho de Segurança Nacional, endossando-os⁽²⁹⁾.

As "revelações" foram amplamente utilizadas na Constituinte pelos partidários das mineradoras, obtendo resultados. A seguir, constituiu-se contudo uma CPI, que comprovou as violências do jornal, mas nada mais se fez. A Igreja, contudo, decidiu processar o jornal. Uma coisa particularmente escandalizou

o Governo e o jornal: a enorme quantidade de telegramas de protesto contra o descaso da política indigenista, vindos da Europa, considerados "intervenção nos assuntos internos do Brasil".

Outro ponto acabou na época engrossando a animosidade da grande-imprensa contra a Igreja: um equívoco da Igreja, a meu ver, que jamais deveria pedir esse tipo de "favor" do Estado e, como toda a censura, é sempre antipática. Foram gestões junto ao Estado em favor da não exibição do filme "Je Vous Salue Marie", de Jean Luc Godard. O Ministro da Justiça, Paulo Brossard, na defensiva por sua inação em relação aos crimes no campo, mais que depressa anuiu à censura. Os protestos vieram de todo o País sobre a Igreja. A defesa de símbolos religiosos como a própria educação religiosa exigem respostas fora do Estado. A meu ver. A revista *Veja*⁽³⁰⁾ aproveitou também e fez matéria escandalosa, juntando a viagem de Sarney a Roma e o cancelamento do filme: "Igreja: O esforço para controlar o Brasil", era o título da capa.

A CNBB decidiu então dar uma resposta democrática a todas as campanhas, levando os consumidores desses veículos de comunicação a questionar seus produtos na Campanha da Fraternidade deste ano.

Os jornais também precisam zelar pela própria imagem

Pode-se perceber talvez, pelo esquema abaixo, qual foi a estratégia seguida, principalmente pelo jornal "O Estado de São Paulo", na sua campanha sistemática contra a Igreja. Trata-se de um esquema de guerra psicológica, seguido pela propaganda em períodos de guerra⁽³¹⁾.

1. Mobilizar e dirigir o ódio contra o inimigo e solapar o moral deste;
- 2) convencer o público nacional da justiça da causa, aumentar e manter seu espírito combativo;
- 3) desenvolver a amizade dos neutros e fortalecer em seus espíritos a crença de que se está certo, aliciando assim seu apoio e cooperação ativos;
- 4) desenvolver e robustecer a amizade dos aliados.

O texto fala também das técnicas de desenvolver estereótipos, substituir no-

mes, selecionar aspectos e casos, apontar o inimigo (real ou imaginário), fazer afirmações ousadas com um só lado da questão, repetir insistentemente (slogans, etc), apelar à autoridade (Roma, a doutrina, a técnica de apresentar 'dentista' anunciando pasta de dentes) ou mentir descaradamente, como Hitler aconselhava, segundo o autor.

De qualquer forma, para manter a lealdade do público a seus produtos, os veículos de comunicação têm desenvolvido campanhas institucionais, visando divulgar mais seus produtos, mas também zelar por sua "imagem". A título de exemplo, três casos:

1. Na TV Globo, o slogan "O povo não é bobó, o que é bom está na Globo", em resposta a uma concorrente. Trata-se também de limpeza de imagem, com blague a uma lembrança negativa na população que foi a posição anti-Diretas em 1984, quando o povo, em protesto, agia contra os veículos da emissora com o slogan: "O povo não é bobó, abaixo a Rede Globo".

2. O jornal "O Estado de São Paulo" passou a fazer intensas campanhas, além de oferecer novos produtos e serviços, buscando o "rejuvenescimento" da imagem⁽³²⁾, com comerciais na TV, com editores de jornais estrangeiros em seu socorro. (Entendem português? Leram alguma edição?). Um claro trabalho de limpeza de imagem.

3. Folha de S. Paulo. Com tiragem maior que o "Estadão", ficou com esse jornal em questões como a Reforma Agrária, sendo em determinados momentos o espaço preferido de setores conservadores como a UDR, pela sua imagem "liberal" e "moderna". A Folha busca capitalizar a insatisfação popular com o comportamento do concorrente, mostrando que ela "É o jornal que mais se compra e nunca se vende", e que está "sempre de rabo preso com o leitor".

Aí está o poder do cidadão, enquanto consumidor.

O padre Arnaldo Beltrame, assessor de imprensa da CNBB, mostrou durante a Assembléia dos Bispos (Regional Sul 1) em Itaiçemi em junho, que a Igreja tem índice de credibilidade elevado junto à população (72,9% contra 53,7% da imprensa, 28,9% dos empresários e 13,9% dos políticos, segundo o Ibope). O que os meios de comunicação querem, segundo ele, é neutralizar a credibilidade

de da Igreja, criando uma imagem falsa e nociva, ao passar ao público a idéia de que a Igreja Católica quer mandar no Estado, é inimiga da soberania nacional, age contra o Governo, deseja controlar a informação e está dividida em igreja religiosa e igreja social. Chegou a essa conclusão ao examinar 4 jornais da grande imprensa.

E enunciou:

1. A Igreja é notícia no Brasil porque está inserida na realidade do povo e está comprometida com a transformação dessa realidade e construção da sociedade justa;

2. A grande imprensa é conservadora porque pretende manter as coisas como estão e não dá espaço positivo às instituições e pessoas que pretendem mudanças sociais.

3. Quem tem meio de comunicação (grande) tem grande poder, porque constrói a realidade de acordo com seus in-

teresses, para garantir o seu grande poder econômico, político e outros.

4. O povo brasileiro está em processo de transformação que passa pela democratização da comunicação social e mudança na política da comunicação.

5. Os grandes meios funcionam sem a Igreja, contra a Igreja, a serviço dos grandes grupos dominantes e são contra qualquer tipo de participação popular na sociedade.

6. A CNBB tem pouco espaço positivo nos grandes meios para expor sua opção e ação, assim como os sindicatos de trabalhadores, movimentos populares e partidos políticos.

7. Não existe neutralidade na informação, porque todo veículo tem sua linha editorial, e por isso, sua posição política-partidária.

8. A opção da Igreja pelos pobres tem ferido os interesses dos que detêm o poder⁽³³⁾.

Notas:

1. Técnicas de Persuasão. J.A.C. Brown, págs. 18,19 e 80. Zahar. 1971.
2. Ídem
3. Sacralização da Política. Alcir Lenharo, pág. 40. Papius. 1986.
4. Ídem. Pág. 53.
5. Ídem. Pág. 11.
6. Jornal Meio & Mensagem, SP, 30/11/87, pág. 22.
7. Editorial "Fraternidade antiimprensa", OESP, 25/09/88.
8. O Bravo Matutino. Maria Helena Capelato, Maria Lígia Prado. Pág. XIX. Alfa-Ômega. 1980.
9. Ídem. Vide Prefácio prof. Paulo Sérgio Pinheiro. Vide também: Os Compromissos Conservadores do Liberalismo no Brasil, Gizlene Neder, Achamé, Socii, col. textos Paralelos. 1979, Rio.
10. Ídem, O Bravo Matutino, pág. 65 e outras. Interessante também: 1964; a Conquista do Estado, René Armand Dreifuss, Vozes, 1981. E: Censura e Liberdade de Imprensa, org. José Marques de Melo, pág. 11, etc, Com/Arte, 1984.
11. O Bravo Matutino. Pág. 55 e outras.
12. Censura e Liberdade de Imprensa.
13. Técnicas de Persuasão. Pág. 20.
14. Ídem. Pág. 19.
15. O Abolicionismo. Discursos e Conferências Abolicionistas. Joaquim Nabuco, pág. 18, Instituto Progresso Editorial, SP, 1949.
16. Igreja e República. Pe. Júlio Maria, págs. 65-67, entre outras. Biblioteca do Pensamento Político Republicano/Câmara dos Deputados/Editora da Universidade de Brasília, 1981.
17. Catolicismo no Brasil/Início do fim: Luis Alberto De Boni, págs. 21 a 26, Chronos/UCS-EST, Caxias do Sul, 1977.
18. Religião e Dominação de Classe. Pedro A. Ribeiro de Oliveira. Págs. 142-160, etc. Vozes, 1985.
19. OESP, 30/08/88, editorial "A Igreja do Brasil e o ex-CSN".
20. OESP, 14/02/86, editorial "CNBB fomenta a subversão no campo".
21. Título de capa da Revista Veja, edição de 09/07/86.
22. OESP, 14/02/86, editorial "CNBB fomenta a subversão no campo".
23. OESP, 26/04/80. Editorial "É esta a palavra da Igreja?".
24. OESP. Ídem.
25. OESP, 14/02/86, editorial "CNBB fomenta a subversão no campo".
26. OESP, Ídem.
27. O Bravo Matutino Pág. XI, etc.
28. Matéria de capa da Revista Veja, 09/07/86.
29. Revista a ABIGRAF, SET/OUT 88, pág. 8.
30. O Bravo Matutino.
31. OESP, 30/08/88, editorial "A Igreja no Brasil e o ex-CSN".
32. Matéria de capa da Revista Veja, 09/07/86.
33. Técnicas de Persuasão. Páginas 27 a 29 e 80.
34. Jornal Meio & Mensagem, 20/06/88, pág. 6, entrevista com Francisco Mesquita Neto.
35. Jornal do Brasil, edição de 09/06/88: "Bispos acusam grande imprensa de cometer injúria contra a Igreja".



1898/1988 — REVISTA AVE MARIA — 90 ANOS



— 1898 / 1988 — REVISTA AVE MARIA — 90 ANOS —

Deus ressuscitou Jesus ao terceiro dia e fez que se manifestasse, não ao povo todo, porém às testemunhas que Deus havia escolhido de antemão, a nós que comemos e bebemos com ele após a sua ressurreição dentre os mortos. Ele nos ordenou que anunciássemos ao povo e atestássemos que é ele quem foi estabelecido por Deus como juiz dos vivos e dos mortos. A ele todos os profetas dão testemunho de que todo aquele que nele crer receberá, por seu nome, a remissão dos pecados.

(Atos 10,40-43)

COLOCOU-SE NAS MÃOS
DE DEUS A SERVA
HUMILDE E FOI A
“PLENAMENTE AMADA“...
DEPOIS QUE MATARAM
SEU FILHO O
CRUCIFICADO
RESSUSCITOU E NELE
FOMOS LIBERTADOS DA
ESCRavidÃO E DA

MORTE, DO EGOISMO,
PARA VIVER NO AMOR.
COMO FILHOS NAS MÃOS
DO PAI. COMO FLORES AO
VENTO DO ESPÍRITO.
SE ACREDITAMOS NO
AMOR, QUE PODERÁ NOS
DETER?...

(Gl. 4,1-7; Rm. 8,31-39; 8,1-17)

MARÇO 1989

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
☾ <i>Lua minguante</i> ● <i>Lua nova</i>	☾ <i>Lua crescente</i> ○ <i>Lua cheia</i>		1	2	3	4
5	6	7 [●]	8	9	10	11
12	13	14 [☾]	15	16	17	18
19	20	21	22 [○]	23	24	25
26	27	28	29	30 [☾]	31	<i>Dia 26 - Páscoa</i>

No Calvário daquele terceiro mundo,
na Palestina,
o poder, amigo do Império e seus
cúmplices,
crucificaram o filho de Maria.
Hoje o terceiro mundo é um mundo
de calvários e
e dolorosas vias. Pesada cruz é
imposta nas costas
do empobrecido povo
latino-americano,

vítima dos desrespeitos
aos direitos humanos
e das injustiças; vergonhosamente
condenado à morte
pela fome, doença,
desabrigo e violência.
Porém, sem dúvida alguma, esse
mundo de crucificados
terá seu "Terceiro dia"...

(Cf. Jo 19,1-30; Jo 2,13-25)

FILHOSAS MULHERES E
SEGUIRAM JESUS E
LAMENTAVAM O
OCORRIDO. JESUS LHES
DIZ: FILHAS DE
JERUSALÉM, NÃO
CHOREIS SOBRE MIM,
MAS CHORAI SOBRE
VOSSOS FILHOS... POR
QUE SE FAZEM ISSO AO
LENHO VERDE, QUE
ACONTECERÁ AO SECO?"
(Lc. 23,27.31)

"JUNTO À CRUZ DE JESUS
ESTAVA DE PÉ SUA MÃE."
(Lc. 19,25)

FEVEREIRO 1989

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
☾ Lua minguante ● Lua nova	☾ Lua crescente ○ Lua cheia		1	2	3	4
5	6 [●]	7	8	9	10	11
12 [☾]	13	14	15	16	17	18
19	20 [○]	21	22	23	24	25
26	27	28 [☾]	Dia 7 - Carnaval Dia 8 - Quarta-feira de cinzas (Jejum e Abstinência)			

TELEVISÃO E CULTURA

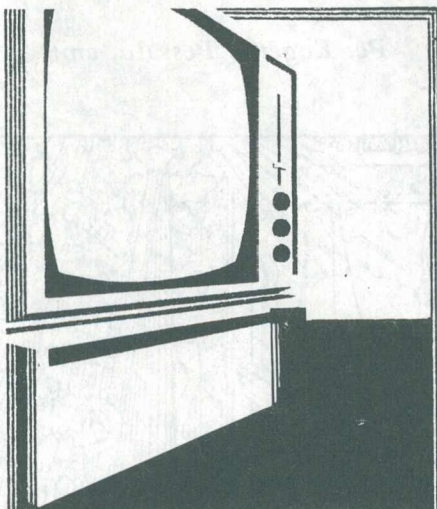
Danilo Vieira

Tratar a televisão como inimigo cultural, dentro de uma visão elitista ou preconceituosa, é algo que está começando a perder o sentido. Não queremos com isso afirmar que a televisão brasileira seja um primor de conteúdo, de técnica e arte. Falta muito, pois as produções ou programas não são exclusivamente voltados para a arte e a cultura. Mas, deve-se hoje admitir que mesmo dentro de uma necessária programação comercial acontecem momentos de grande envolvimento cultural e formativo, propiciando a elevação do nível dos telespectadores e seu enriquecimento intelectual, lúdico e humano.

Não referencio aqui as televisões educativas, que ao meu ver deveriam oferecer muito mais ao público em termos educacionais. Atenho-me às televisões comerciais, cujos proprietários são: Adolpho Bloch, da Rede Manchete, Sílvio Santos, do Sistema Brasileiro, Roberto Marinho, da Rede Globo de Televisão e à Bandeirantes, da família Saad.

Da Rede Manchete, diria que Adolpho Bloch, dentro de sua filosofia de trabalho sempre apostou na inteligência e no bom gosto do telespectador. Alguns programas veiculados pela emissora podem não ter rendido, em termos de IBOPE, mas abriram um segmento, uma melhor perspectiva para o telespectador que aprecia informações sobre a vivência artística, política e humana de pessoas de renome. É o caso do programa "Conexão Internacional, ou as séries envolvendo países, e ou costumes do Japão, China, os índios do Xingu. O "Bar Academia", foi algo muito bem pensado, como também "Um Toque de Classe", infelizmente desativados.

O Chapadão do Bugre produzido pela TV Bandeirantes, foi uma das séries brasileiras, melhor produzidas pela televisão nacional. Sem falar de Grande Sertão: Veredas, O Tempo e o Vento, Vida e Morte Severina, O



Pagador de Promessas, o Primo Basílio, maravilhosamente bem conduzidos e produzidos pela Rede Globo de Televisão.

O programa de entrevistas conduzido por Jô Soares no SBT é bastante interessante por trazer e envolver pessoas ou personalidades nacionais e internacionais. E há também o cinema. Neste particular, a televisão tem contribuído imensamente com o telespectador. Clássicos do cinema mundial, calcados em temas e mensagens sólidas encontram eco nos lares brasileiros. E não só esses. Filmes lançados recentemente, em

circuito nacional e internacional através da televisão possibilitam às famílias e juventude deliciarem-se com momentos significativos da 7.^a arte. Felini, Bergman, Rossellini, John Ford como diretores; Grace Kelli, Magnani, Loren, Marilyn Monroe, Ingrid Bergman, como atrizes e James Stewart, Piccoli, Gary Cooper, Frank Sinatra e tantos outros, vivos ou já falecidos, ídolos ou não, ensinam o que é fazer cinema e arte ao mesmo tempo chegando a milhares de telespectadores.

Novelas bem trabalhadas, adaptando autores brasileiros como Gabriela, de Jorge Amado, A Escrava Isaura, Sinhá Moça e tantas outras, também, com algumas ressalvas, podem ser considerados momentos de alto padrão transmitidos pelas redes de televisão.

Tirando a insistência do elemento merchandising, teimando em aparecer, poderíamos dizer que a televisão vem se preocupando cada vez mais em levar cultura e elevar o nível dos telespectadores.

Dizer que a televisão é apenas um meio de alienação seria faltar com a verdade e o bom senso, ou ater-se a preconceitos, ou ainda fugir de sua realidade. •

Entre os países do Terceiro Mundo, o Brasil ocupa um dos primeiros lugares na expansão dos Meios de Comunicação. Sua introdução é antiga, mas a sua expansão é recente. O início do funcionamento da televisão se deu em 1950, e a introdução da TV em cores em 1972.

São sintonizados no Brasil regularmente cinco satélites:

BRASILSAT — Trafega a programação das redes nacionais de TV.

INTELSAT F8 — Transmite a programação da rede Argentina ATC.

INTELSAT F11 — Transmite a programação da TV no Chile, Colômbia e Peru.

GORIZON — Satélite soviético,

que transmite a programação da URSS.

INTELSAT F2 — é o mais assistido no Brasil, porque é o único que pode ser captado com antenas parabólicas fixas.

(fonte: Revista Imprensa, nov. 1987.)

Quase 200 estações de TV estão em funcionamento no Brasil, atingindo 90% do território nacional. Aparelhos de TV no Brasil em 1987.

Total	25.700.000	100%
Preto e Branco	10.900.000	42%
Em Cores	14.800.000	58%
Lares com TV	17.400.000	56%

(Fonte: IBOPE)

Dogmas e Sacramentos

Parte II

Pe. Eugênio Pessato, cmf



III - A catequese de Santo Agostinho

A mais importante obra catequética até o século 5º, foi com certeza, a “De catechizandis rudibus” ou seja a “Catequese aos principiantes ou ainda A instrução aos catecúmenos”.

Esta obra catequética de Santo Agostinho foi escrita para ajudar a um diácono chamado Deogratias, que estava encarregado de dar catequese aos adultos.

Esta obra, portanto, não se dirige diretamente ao catequizando mas sim ao próprio catequista. Problemas que hoje nós enfrentamos na catequese dos adultos já existiam na

quela época. É um verdadeiro método catequético.

a) O método de catequese na obra de Santo Agostinho

Sua pedagogia não é somente bíblica, possui também uma penetrante psicologia. Feito para exprimir a obra de Deus, o método catequético se inspira, em primeiro lugar, na maneira de agir de Deus, na *pedagogia de Deus*; mas, ao mesmo tempo, para alcançar o homem, ele se adapta à infinita complexidade do coração e do espírito humanos.

O catequista deve exprimir no seu posicionamento fundamental como na sua palavra, a simpatia e o

amor que Deus tem pelo homem. “Pediremos a Deus que nos fale como queremos, se aceitarmos de bom grado que fale e se comunique através de nós como podemos”.

1) Catequizar na alegria

Para Santo Agostinho, é necessário que o catequista transmita a fé com alegria, não esteja preso a regras ou normas, mas saiba transmitir a alegria de ser filho de Deus e irmão de Jesus Cristo.

2) Dificuldades do catequista

Conforme Santo Agostinho, o catequista pode ter seis motivos de sentir tristeza, desgosto e cansaço na catequese. Para cada um ele propõe um remédio, uma solução pedagógica e espiritual.

a) O catequizando não compreende

Muitas vezes o nível cultural do catequista é um e o do catequizando outro. Para que o encontro catequético seja agradável, primeiramente, é necessário que exista diálogo e para isso faz-se necessário que o catequista iguale culturalmente o seu nível ao do catequizando e que isto seja feito com muito amor.

b) O catequista tem medo de falar

Muitas vezes queremos falar bonito ou então não dar nenhum fora, e ficamos muito presos aos textos, principalmente, quando não preparamos bem os encontros, e quando nos damos conta, estamos

sem saber o que falar.

Quando preparamos bem os encontros, não devemos ter medo; confiando em Deus, devemos enfrentar os desafios.

Não devemos temer os questionamentos, encarando-os com naturalidade e caso alguém nos aponte alguma falha, devemos nos mostrar capazes de aceitar a correção. Se, ao contrário, nosso erro passa despercebido, não nos preocupemos, a menos que se repita constantemente.

c) *O catequista teme repetir-se*

Também aqui, Santo Agostinho faz apelo ao amor, pois que o amor transforma aquilo, que à primeira vista, parece criar tristeza.

Quando nós mostramos a nossos amigos a nossa cidade, fazendo-os conhecer lugares importantes e belos, diante dos quais, por força de vê-los nós passamos já sem nenhum interesse, acaso não se recria em nós o gozo pela novidade vendo a alegria deles? E, esta é tanto maior quanto mais calorosa e intensa for a nossa amizade.

Realmente, quanto mais formos ligados a eles pelo amor, tanto mais as coisas velhas se tornarão, também para nós, novas; assim acontece ou pelo menos deveria acontecer com os ensinamentos da catequese.

d) *Os catequizandos não reagem*

Neste caso, Santo Agostinho aconselha, em primeiro lugar, procurar conhecer o pensamento real daquele que ouve. É necessário colocá-lo à vontade; caso seja bloqueado pela timidez mostrar-lhe que se está em uma "relação fraterna"; é importante fazer-lhe perguntas para saber o quanto compreendeu daquilo que foi dito e deixá-lo entender que, se tiver alguma objeção, pode fazê-la livremente.

A resposta de nossos catequizandos deve orientar a nossa linguagem. Nós devemos, conseqüentemente,

falar com mais precisão e maior clareza. Muitas coisas precisariam ser ditas, é verdade, mas mais a Deus por ele, do que a ele sobre Deus.

Sempre que percebermos que o desinteresse é provocado pelo cansaço tornemos o encontro mais alegre e descontraído.

e) *O catequista está indisposto*

Santo Agostinho aconselha: "lembra-te da única certeza que temos: a certeza de que devemos entregar-nos com coração cheio de piedade, e com a mais sincera caridade ao que quer que façamos pelo próximo. Organizemos o nosso trabalho segundo a nossa capacidade; se pudermos levá-lo ao fim como programamos, alegremo-nos porque a Deus — não a nós — agradou que assim se realizasse."

f) *A perturbação interior do catequista*

O catequizando pode nos encontrar num momento em que estamos perturbados interiormente: é a última situação indicada por Santo Agostinho. Isto pode ocorrer por causa de um acontecimento grave, externo a nós, mas que nos atinge profundamente; pode ser também por causa de um erro ou de um pecado pessoal; devemos então nos recordar de que um coração contrito é agradável a Deus e aproveitarmos esta oportunidade, para cobrir o nosso pecado com a caridade.

É sempre a caridade, portanto, que é proposta como verdadeiro remédio e solução contra todos os problemas aos quais os catequistas podem achar-se expostos.

As soluções dadas por Santo Agostinho são sempre teológicas e espirituais; elas exigem o exercício das virtudes teológicas no coração de uma situação existencial.

No próximo número, continuaremos a falar da catequese de Santo Agostinho, comentando sobre o conteúdo de sua catequese. Até lá. •

QUO VADIS - NA DÉCIMA EDIÇÃO

21 dias na terra santa, visitando ainda:

LISBOA - FÁTIMA - ROMA - ASSIS - PROGRAMA OPCIONAL A MEDJUGORIE.

Saída: 1.º de maio

Preço: Parte Aérea US\$ 2.249,00

Parte Terrestre US\$ 1.371,00

Guia: Frei Luiz Maria Sartori ofm (autor do livro Vivendo Cristo em Israel).

● SANTUÁRIOS DA ESPANHA E PORTUGAL

15 dias de duração, visitando: Madrid - Zaragoza - (Virgem del Pilar) - Lourdes - Santiago de Compostela - Fátima - Lisboa.

Saídas:	15 de maio	07 de ago.
	26 de jun.	04 e 08 de set.
	03 e 17 de jul.	02 de out.
		08 de nov.

Extensão à Terra Santa e a Medjugorie

● SANTUÁRIOS DA EUROPA

22 dias de viagem visitando: Madrid - Zaragoza - Lourdes - Paris - Lisieux - Zurich - Turin - Pádua - Veneza - Assis - Roma.

Saídas:	08 de Maio	28 de ago.
	19 e 26 jun.	11 e 25 de set.
	17 e 31 de jul.	30 de out.

Extensão à Terra Santa e a Medjugorie.

VIAJAR FICOU MAIS FÁCIL E ECONÔMICO.

SAÍDAS TODAS AS QUARTAS-FEIRAS PARA:

ROMA - MILÃO - PARIS - LONDRES - FRANKFURT, COM PREÇOS ESPECIAIS, A PARTIR DE 29 DE MARÇO. PROVIDENCIAMOS TODA DOCUMENTAÇÃO NECESSÁRIA PARA SUA VIAGEM.

SOLICITE FOLHETO DAS EXCURSÕES

CONGRESSO EUCARÍSTICO INTERNACIONAL SEUL - OUTUBRO 1989

GENESIS Turismo

Av. São Luiz, 50 - 5.º andar

Cj. 52-E - CEP 01046 - SP

Fone.: 257-9511 - Telex (011) 38370

Embratur 06933-00-41-1

Nome

Endereço

..... fone

Cidade

Estado CEP

Gostaria de receber o folheto explicativo:

PAIS E ADOLESCENTES

Myrian Vallias de Oliveira Lima

Creio que todos conhecem os provérbios: "não adianta colocar trancas nas portas se o ladrão já entrou..."; — "não se conserta o telhado depois que a casa caiu..." Isto se aplica também aos pais de jovens. Pouco adianta procurar, desesperados, o aconselhador, seja ele um terapeuta ou pároco, para perguntar o que fazer com o filho que está se drogando ou com a filha que está grávida...

Nesta idade de transição, que é a adolescência, muitas vezes o diálogo conosco, pais, bem como a aproximação, ficam dificultados. Nela, mais do que em qualquer outra idade, é essencial que o jovem, mesmo arredio, sinta que nós estaremos presentes para ele, se precisar abrir seu coração. Que poderá ter confiança em nós e em nosso amor. Por outro lado, que nós também temos necessidade de seu amor e de seu respeito.

Vivemos numa época de mudanças sociais muito dinâmicas. Aos jovens, hoje miniaturas de adultos, não sobra muito tempo para fazer experiências de sua nova situação e seus novos corpos. O ser adolescente e não mais criança. Vivem num redemoinho de horários e compromissos, não se diferindo nisto de nós pais. Tão pouco têm um papel social definido. Nas sociedades primitivas, como o é ainda nas indígenas, os jovens são reverenciados como os futuros líderes, como os continuadores da cultura. Têm um espaço próprio e de destaque. Têm individualidade. Em nosso meio e em nossos dias, a adolescência é a idade do — "pode mas não deve". Idade das contravenções. Os pais deixam guiar, mas não podem ter a carta e a permissão legal. Os pais confiam o carro, mas não confiam a chave da casa. Podem dormir com os namoradinhos, mas não sabem estudar sozinhas. Não escolhem o que comem, mas têm de escolher a profissão que irão seguir. Não são responsáveis pelo seu quarto, mas o são quanto à escolha de seus amigos... Idade das contradições... Da ambigüidade... Do desrespeito ao ser jovem... O adolescen-



te se sente, e com razão, marginalizado.

Ressentem-se também de um suporte parental. Neste mundo louco, vivemos sem tempo para nós pais e para eles, filhos adolescentes. As poucas horas que nos sobram ou são dedicadas aos afazeres domésticos ou à TV... E o jovem, durante a adolescência, que é o período mais vulnerável de sua vida, se vê sozinho no enfrentamento de suas mudanças físicas, intelectuais, espirituais e emocionais.

Ao lado disto, existe o nosso despreparo para enfrentar todas essas transformações que ocorrem na adolescência. A nossa insegurança. Gerados pelo verdadeiro bombardeio social a que somos submetidos quanto aos nossos valores e às nossas habilidades de pais.

— "Mamãe, a turma vai viajar este fim de semana. Quero ir também, com o Beto (o namoradinho)."

— "Não sei porque, papai, você está se escandalizando tanto por ter encontrado maconha no meu quarto! No seu tempo você também não se escondia para fumar o cigarro?"

— "Vocês são quadrados. Até parece que não assistem televisão..."

Vivemos, como exemplificamos, em um período de tão profunda revolução social que torna-se difícil definir papéis. Torna-se difícil precisar o que é ser "jovem", o que é ser "adulto". Para não nós desesperarmos temos de nos apegar, ao processo educacional, aos objetivos terminais que consistem em levar o jovem a:

- ter uma boa adaptação social;
- sentir-se bem.

Para isto, precisamos nos conscien-

tizar dos nossos próprios sentimentos e a respeito da nossa capacidade de ajudar ao nosso filho(a). Consciência de nós mesmos e de nossas habilidades. As emoções por nós experimentadas o adolescente também vivencia: ansiedade, solidão, medo, raiva, esperança, alegria, tristeza e assim por diante.

O lidar bem com as nossas emoções capacita-nos a compreender e ajudar o jovem. Capacita-nos não só a sermos um bom modelo afetivo, mas a criar um ambiente positivo que favoreça o desenvolvimento harmônico do adolescente — autopercepção, autocompreensão e auto-aceitação.

É o nosso saber lidar com as situações de frustração, com as situações de "stress", que ensina nossos filhos a superar os obstáculos, a não perder de vista seus objetivos, a determinar alternativas para os atingir. Persistência e determinação... Por outro lado, o trabalhar certos sentimentos e o compartilhar com eles nossas sensações dolorosas, e até mesmo, nossos fracassos, leva-os a perceber que a expressão adequada dos sentimentos é sinal de força, de maturidade e não de fraqueza.

O nosso relacionamento social irá facultar-lhes a percepção do ser-eu-com-o-outro. A compreensão das diferenças pessoais. O desenvolvimento do companheirismo, do se colocar, do ser ponderado e responsável.

Principalmente, treinarmos para ouvir. Muitas vezes nós pais só nos preocupamos em falar. — "Lá vem sermão..." Queixa-se o adolescente, com razão. Valorizar a expressão de sentimentos do jovem. Tomar a sério estes sentimentos. Situar o jovem em seu momento de vida. Não o comparar conosco. O básico é levá-lo a identificar qual é o problema que está por trás de tudo e do seu sofrimento.

E, por mais que eu possa falar, ninguém melhor do que cada um de vocês, pais, para conhecer seu adolescente e para o conduzir na grande caminhada da descoberta de si mesmo como pessoa.

ALMOÇO MAIS SOFISTICADO

ENTRADA: Tabule (*salada árabe*)

Rendimento: 5 a 6 porções

Ingredientes:

1 xícara (chá) de trigo fino em grão
5 tomates, de preferência verdolengos
1 cebola
1 pepino grande ou 2 pequenos
1 maço de salsa e cebolinha verde
2 alfaces romanas
folhas de hortelã
limão, pimenta-do-reino, óleo, sal.

1. Lave bem o trigo e deixe de molho na água fria, durante meia hora, aproximadamente.
2. Tire as sementes dos tomates e corte a polpa em quadradinhos.
3. Pique, bem fininhos, o pepino, cebola, salsa, cebolinha e hortelã.
4. Escorra o trigo e esprema-o entre as mãos. Junte-o aos outros ingredientes picados.
5. Prepare um molho com óleo,, caldo de limão, sal e pimenta.
6. Tempere a salada com esse molho misturando tudo muito bem.

PRATO PRINCIPAL: Camarões à Raquel

Rendimento: 5 a 6 pessoas

Ingredientes:

1 pão de forma
2 kg de camarão
4 ovos
1 litro de leite
200 g de queijo cremoso
queijo parmezão ralado
4 tomates
3 colheres (sopa) de óleo
1 cebola ralada
pimenta-do-reino
sal, louro, coentro.

1. Refogue no óleo, os tomates, cebola, alho, pimenta, sal, louro e coentro.
2. Acrescente os camarões limpos e deixe cozinhar, providenciando para que fique bastante molho. Se os tomates não forem bem grandes, ponha mais seis.
3. Bata no liquidificador os ovos com o leite e uma pitada de sal.
4. Umedeça as fatias de pão-de-forma nessa mistura de leite e ovos.
5. Unte um pirex e arrume uma camada de fatias de pão, uma camada de camarões refogados, uma de fatiazinhas de queijo cremoso, outra de pão e assim por diante, repetindo as camadas até os ingredientes terminarem.
6. Polvilhe com queijo ralado e leve ao forno.

ACOMPANHAMENTO: Frango à caçadora

Rendimento: 5 a 6 porções

Ingredientes:

1 frango
1 cebola em fatias
2 tomates, sal
pimenta-do-reino
alho socado
louro, mangerona, orégano
1 colher (sopa) de vinho branco seco
óleo.

1. Corte o frango em pedaços, na forma habitual, e tempere com sal, pimenta-do-reino, alho e uma colherada de vinho branco.
2. Refogue, no óleo, a cebola, tomates, um pouco de alho socado, louro e mangerona.
3. Passe o refogado, depois de bem corado, por uma peneirinha.
4. Ponha-o de novo na panela e refogue o frango até dourar.
5. Acrescente o vinho branco e, se gostar, um pouquinho de orégano. Deixe no fogo até a carne ficar macia e o molho encorpar.

SOBREMESA: Mousse de chocolate (*ou frutas*)

Rendimento: 5 a 6 pessoas

Ingredientes:

6 ovos
6 colheres (sopa) de açúcar
125 g de margarina
3 colheres (sopa) de chocolate em pó
3 colheres (sopa) de licor de cacau.

1. Faça uma gemada bem batida com as gemas e o açúcar.
2. Ponha o chocolate e a margarina numa panelinha e leve ao fogo, em banho-Maria, até derreter e ligar.
3. Tire do fogo e junte o licor de cacau. Misture a gemada.
4. Mexa e misture as claras batidas em neve bem firme. Misture muito bem.
5. Despeje em taças e leve ao refrigerador, até a hora de servir.

DEUS RECONCILIA O MUNDO ATRAVÉS DE SEU FILHO

4.º domingo da quaresma
05/03/89

1.ª leitura: Js 5,9a. 10-12

A libertação de Israel está completa, chegam à terra prometida a Abraão, Isaac, Jacó e Moisés; nenhum destes conseguiram vê-la e habitá-la, uma prova de que a libertação é um processo longo e às vezes penoso, mas um dia se realiza. Para celebrar este acontecimento o



povo se reúne e celebra a Páscoa. Como exemplo, Jesus, depois de percorrer o caminho da libertação, selado pela sua morte, celebra a Páscoa eterna.

2.ª leitura: 2Cor 5,17-21

Deus reconciliou o homem consigo, através de seu Filho que se fez pecado por nós (21), para que nos tornássemos justiça de Deus. Mas uma reconciliação que se renova cada dia através de seus embaixadores aqui na terra que a cada momento fazem do homem uma criatura nova para a graça e a misericórdia.

Evangelho: Lc 15,1-3.11-32

Este é o centro do evangelho. “Nele vemos que o amor do Pai é o fundamento da atitude de Jesus frente aos homens” (Vd. Pastoral, mar/abr/85). Jesus é o filho do homem que veio buscar e salvar o que estava perdido (Lc 19,10). Deus não quer a condenação do homem, mas a sua salvação. É lendo este cap. de Lc que a comunidade cristã encontrará os meios e atitudes frente aos perdidos da mesma.

Comentário

A liturgia quaresmal possui uma pedagogia excelente, conduz o homem, cada dia para uma descoberta cada vez mais profunda da misericórdia que Deus lhe proporciona. Ele, como diz S. Paulo, procura dar leite à criancinha e alimento sólido ao adulto. Nos domingos anteriores foi-nos conduzindo através das tentações de Jesus, e de sua transfiguração, mostrando-se benevolente conosco e com infinita misericórdia.

Esta parábola está dividida em duas partes:

1.ª: Filho mais novo, autosuficiente, propõe-se vencer na vida sem Deus, nota que isto não é possível e pede novamente a misericórdia do Pai, que o recebe com grande festa, esquecendo o passado.

2.ª: Filho mais velho, a parte mais importante, o justo, trabalhador, que nunca possuiu tantas regalias como o transviado, vem a revolta contra o Pai — são aqueles que considerando-se perfeitos na comunidade,

Ilustrações: extraídas do Missal Dominical - Edições Paulinas

não possuem a capacidade de acolher o erro dos outros e ajudá-los a voltar à misericórdia de Deus.

MARÇO DIA 6, 2.ª-f.: Is 65,17-21; Jo 4,43-54. DIA 7, 3.ª-f.: Ez 47,1-9.12; Jo 5,1-16. DIA 8, 4.ª-f.: Is 49,8-15; Jo 5,17-30. DIA 9, 5.ª-f.: Ex 32,7-14; Jo 5,31-47. DIA 10, 6.ª-f.: Sb 2,1a. 12-22; Jo 7,1-2.10.25-30. DIA 11, SÁBADO: Jr 11,18-20; Jo 7,40-53.

DEUS TRANSFORMA A HISTÓRIA DA NOSSA VIDA

5.º domingo da quaresma
12/03/89

1.ª leitura: Is 43,16-21

O trecho é uma parte do poema de Is 43,14-28, cujo tema fundamental é a relação histórica de Deus com Israel. Na primeira parte — oráculo anunciando a libertação do exílio (v. 14-21). Na 2.ª — o debate com o povo ingrato e infiel — chamado à conversão e ao perdão (v. 22-28) Cf. V. Past., mar/abr/83). Israel está no exílio, Deus promete a libertação. Algo que ultrapassará toda a história humana, o povo é convidado a preparar-se, não se recordando do passado — êxodo do Egito, mas agora acontecerá um novo êxodo — um caminhar pelo deserto até o seu país. Tudo deverá ser de reconhecimento e agradecimento do povo pelas maravilhas que Deus opera nele.



2.ª leitura: Fl 3,8-14

Paulo apresenta seu testemunho de vida, que como ele, todos que entraram no Projeto de Deus — a novidade cristã, devem viver e buscar uma perfeita participação no mistério de Cristo. Demonstra que este conhecimento de Cristo não se adquire apenas intelectualmente, mas acima de tudo através de uma vivência contínua da vida cristã e da prática diária do evangelho com a própria vida. Dentro de uma integração: prática-espiritualidade.

Evangelho: Jo 8,1-11

Os escribas e fariseus, na intenção de pegar Jesus em flagrante sobre sua pregação, apresentam-lhe uma mulher apanhada em adultério, que segundo a Lei estava condenada à morte. Na expectativa de poderem desmascarar Jesus no Templo, frente à multidão, seus interlocutores lhe perguntaram: “Que dizes tu a isso?” Jesus disse-lhes: Quem de vós estiver sem pecado atire a primeira pedra. A moral da história — ninguém teve

coragem de atirar a primeira pedra. Ele que podia, não o fez porque é a MISERICÓRDIA.

Comentário:

O homem é um ser a se realizar; cada homem traz dentro de si um projeto de transformação de vida, isto se dará cada dia, na medida em que a pessoa souber transformar-se para uma libertação de si mesma e de tudo que traz o pecado. Esta libertação deve seguir o seguinte projeto: percebermos nossas limitações e sabermos de nossas potencialidades. A realização humana está na auto-aceitação, através da percepção dos limites e no esforço para aperfeiçoar nossas potencialidades. A salvação não pode ser entendida como algo além mundo, após a morte. Ela se dá aqui e agora. O Reino de Deus começa sua realização na história humana; terá a plenitude junto de Deus. Do contrário se o homem viver numa esfera “espiritual”, acreditando que a salvação se dará numa felicidade futura, enganar-se-á a si próprio. Como Paulo devemos dizer: “Não pretendo dizer que já alcancei e que cheguei à perfeição. Não. Mas eu me empenho em conquistá-la, uma vez que também eu fui conquistado por Cristo” (Fl 3,12). Persigo o alvo (v. 14).

Ser cristão é amar sem pensar em retorno. É amar sem querer saber o porquê. É amar, compreendendo e assim ajudando na transformação das pessoas.

DIA 13, 2ª-f.: Dn 13,1-9.15-17.19-30.33-62 ou abrev 41c-62; Jo 8,12-20.
DIA 14, 3ª-f.: Nm 21,4-9; Jo 8,21-30. **DIA 15, 4ª-f.:** Dn 3,14-20.91-92.95; Jo 9,31-42. **DIA 16, 5ª-f.:** Gn 17,3-9; Jo 8,51-59. **DIA 17, 6ª-f.:** Jr 20,10-13; Jo 10,31-42. **DIA 18, SÁBADO:** 2Sm 7,4-5a.12-14a.16; Rm 4,13.16-18.22; Mt 1,16.18-21.24a ou Lc 2,41-51a.

O SENHOR DEUS VEM EM NOSSO AUXÍLIO

Domingo de Ramos
19/03/89

1ª leitura: Is 50,4-7

Descreve a vocação profética do Servo sofredor, diante dos sofrimentos, aceita-os com paciência e resignação, confiante de que não será abandonado por Deus. Suporta tudo porque “Deus vem em seu auxílio” (7). Seu sofrimento não será inútil, mas força e coragem para a caminhada do homem.

2ª leitura: Fl 2,6-11

Sendo Cristo de condição divina não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aceitou todos os ultrajes possíveis a um homem. Ele tornou-se o mais humilhado dos homens, mas como a 1ª leitura relata, tu-



do isto não foi em vão, o sofrer de Cristo, teve a recompensa de Deus — a ressurreição — a mesma reservada ao homem que sabe durante sua vida aceitar o sofrimento e fazer dele um momento de graça para sua vida.

Evangelho: Lc 22,14-23,56

A narrativa da Paixão é uma das partes mais antigas do Evangelho que foram escritas. Lucas escreve para os cristãos provados pelas perseguições, mostrando Jesus como mártir-testemunha, o ideal perfeito para o cristão que sofre, e que vence.

Comentário:

Apresentarei uma breve história da origem deste domingo na liturgia: O Domingo que inicia a semana da Páscoa, chamada a grande semana, se celebrava em Jerusalém, no fim do século IV, a entrada triunfal de Jesus na Cidade Santa, refazendo o percurso seguido pelo Senhor e seus discípulos. O povo se reunia pelas três horas da tarde juntamente com o bispo no Monte das Oliveiras. Pelas 5 horas lia-se a narrativa evangélica e descia-se da colina para entrar na cidade. De Jerusalém a procissão se espalhou por todo o Oriente, onde o domingo de abertura da grande semana torna-se o domingo de ramos. (Cf. Ap. Litur. St. Theolog. 85).

Hoje iniciamos a semana santa, tão marcada na vida do povo brasileiro, às vezes mais que a Páscoa. É interessante notar que ainda apreciamos mais as cenas trágicas, que nos emocionam com seus sofrimentos, àquelas que trazem alegria, a certeza da vida. É um ponto a ser refletido; por que o trágico, a morte nos atrai mais nesta semana que a alegria e a vida nova que realmente é o fundamento e o fim da mesma?

A morte não traz comprometimento, é certeza absoluta que não seremos mais incomodados por tal pessoa, ao passo que a vida — especialmente a rejuvenescida com a ressurreição é comprometimento com uma mudança de atitudes, de modos de agir. Talvez resida aqui a causa de que em muitos lugares a sexta-feira santa e este domingo são mais concorridos que a vigília pascal e o domingo de Páscoa.

É importante refletirmos: será que temos a coragem de celebrar a páscoa — passagem — ou ainda achamos melhor ficarmos na escravidão do Egito com suas cebolas e panelas de carne, mas na opressão? Do que passarmos para a libertação — que à primeira vista pode parecer miséria, mas que é livre, e portanto, temos a possibilidade de vida nova na paz e com o necessário para a subsistência?

DIA 20, 2ª-f.: Is 42,1-7; Jo 12,1-11. **DIA 21, 3ª-f.:** Is 49,1-6; Jo 13,21-33.36-38. **DIA 22, 4ª-f.:** Is 50,4-9a; Mt 26,14-25. **DIA 23, 5ª-f. DA CEIA DO SENHOR:** Is 61,1-3a.6a.8b-9; Ap 1,5-8; Lc 4,16-21. **DIA 24, 6ª-f. DA PAIXÃO:** Is 52,13-53,12; Hb 4,14-16; 5,7-9; Jo 18,1-19,42. **DIA 25, SÁBADO SANTO:** 1ª Gn 1,1-2,2 (ou 1,1.26-31a). 2ª Gn 22,1-18 (ou 1-2.9a.10-13.15-18). 3ª Ex 14,15-15,1. 4ª Is 54,5-14. 5ª Is 55,1-11. 6ª Br 3,9-15.32-44. 7ª Ez 36,16-17a.18-28. **Epístola:** Rm 6,3-11. Ev Lc 24,1-12.

ESTE É O DIA QUE O SENHOR FEZ, EXULTEMOS E ALEGREMO-NOS NELE

Domingo da Páscoa
26/03/89

1ª leitura: At 10, 34a. 37-43

É o terceiro discurso de Pedro, agora dirigido aos pagãos. Lc agrupa elementos importantes para compreendermos o discurso — resumo do evangelho dos apóstolos — que testemunham o ministério de Jesus, experimentaram a comunhão com o Ressuscitado, e dele receberam uma missão: anunciar e testemunhar o que Jesus foi, é e o efeito da fé NELE.



2ª leitura: Col 3, 1-4

Pelo Batismo o cristão ressuscitou com Cristo para uma vida nova; assumindo esta vida deverá cada dia viver segundo suas exigências próprias. “A vida cristã já é participação na vida de Deus, apesar de sua realidade ainda não estar manifestada em plenitude, mas nos acontecimentos diários devemos ver a presença de Deus e ao mesmo tempo, darmos através das ações, testemunho concreto desta presença do Senhor na comunidade cristã.

Evangelho: Jo 20, 1-9

Na missa da manhã, lê-se a narrativa da descoberta do sepulcro vazio por Pedro e João. Esta leitura se insere harmoniosamente entre o anúncio da Ressurreição, feito às mulheres pelo anjo no Evangelho da vigília, e a manifestação de Jesus aos discípulos de Emaús, proposta para a missa eventual da noite. Cristo ressuscitou; esta é a maior afirmação do cristianismo e a partir desta comprovação os apóstolos iniciaram sua pregação. Tem-se a impressão de começar a ler um livro de trás para frente, mas se os apóstolos não tivessem esta convicção, jamais poderiam anunciar e pregar ao mundo o restante do Evangelho.

Comentário:

Primitivamente a solenidade pascal era a vigília santa que acabava na aurora. Bastante cedo se quis prolongar a festividade durante o dia do domingo tão carregado de lembranças: a mensagem do Anjo às mulheres que levavam perfumes, até a manifestação do ressuscitado aos dez apóstolos à noite. Tal celebração começou em Jerusalém.

Para entendermos melhor este domingo que é o primeiro de todos os domingos e o centro do ano para o cristão, precisamos entender como surgiu a celebração

e a importância do domingo para o cristianismo.

Na Igreja primitiva, a Eucaristia era vivida essencialmente como memória de Jesus morto e ressuscitado. Mas esta memória encontrava mesmo toda sua força de significação no domingo, como dia-memorial de sua ressurreição dentre os mortos.

Assim, é “de uma referência cristológica e sacramental”, isto é, a ressurreição do Senhor e a refeição do Senhor, que a festa dominical tira sua origem, ao ponto que o nome de “dia do Senhor” podia bem vir deste de “refeição do Senhor” que Paulo dá à eucaristia. A assembléia realizada nesse dia era o sinal primeiro da presença viva do Cristo ressuscitado. “Vós sois o corpo de Cristo”, escreve Paulo. A assembléia dominical é o “corpo” fundamental do Cristo, cujo sacramento da eucaristia é o próprio Corpo de Cristo.

Esta perspectiva supõe evidentemente que a celebração da “refeição do Senhor” é bem o centro para o qual converge a assembléia do domingo. Mas ela supõe também que a assembléia, como sinal fundamental do Cristo que ela é o “corpo” tem valor por ela mesma, e portanto lá onde o ministro ordenado não está disponível para presidir a eucaristia no domingo, a comunidade dos cristãos é entretanto sempre convidada a se unir em corpo visível do Ressuscitado e a fazer memória dele pela escuta da Palavra e da Oração. (Comentário extraído da Apostila de Liturgia III, St. Theologium. 85).

DIA 27, 2ª-f.: At 2, 14. 22-33; Mt 28, 8-15. **DIA 28, 3ª-f.:** At 2, 36-41; Jo 20, 11-18. **DIA 29, 4ª-f.:** At 3, 1-10; Lc 24, 13-35. **DIA 30, 5ª-f.:** At 3, 11-26; Lc 24, 35-48. **DIA 31, 6ª-f.:** At 4, 1-12; Jo 21, 1-14. **ABRIL DIA 1, SÁBADO:** At 4, 13-21; Mc 16, 9-15.

RELENDO A BÍBLIA

RESULTADO

Outra dica para a esposa do alcoólatra: mude você primeiro

Donald Lazo

Muitas pessoas acham que aquele membro da família que anda bebendo demais não é alcoólatra porque alcoólatra (pensam eles) é uma pessoa que está eternamente bêbada — que bebe o dia inteiro, todos os dias.

Essa definição do bebedor constante se aplica a não mais que 2 ou 3% dos alcoólatras: àqueles que já perderam sua capacidade de trabalhar, perderam o apoio de seus familiares e estão literalmente jogados na rua. Ou então àqueles que têm tanto dinheiro (por ser de família tradicional) que seus familiares lhes fornecem toda a bebida que querem, contanto que fiquem quietinhos lá no sítio e não incomodem os demais. Mas estes, infelizmente, são a minoria.

A vasta maioria dos alcoólatras vive uma vida *aparentemente* normal. Tem seu lar (embora esteja atrasado no pagamento do aluguel), uma linda esposa e três belos filhos (todos emocionalmente desequilibrados) e tem um bom emprego (10% da folha de pagamento de toda empresa está em algum estágio de alcoolismo. Dez por cento!) Para a sociedade que o rodeia, parece ser um lar normal, chefiado por um pai e marido exemplar. Entretanto, o que acontece atrás das cortinas é uma história bem diferente da percebida pelos outros.

As crises vêm acontecendo com bastante regularidade neste lar "normal". É claro que há dias em

que tudo transcorre sem maiores problemas, e é durante esses períodos de tranqüilidade que a esposa se permite começar a pensar: "Quem sabe desta vez ele pare mesmo. Ficou tão passado ontem à noite, coitado. Como dói vê-lo chorar. Sim, tenho certeza que essa foi sua última bebedeira". E, de repente, o marido apronta outra e é como se a esposa tivesse esquecido o quão horríveis as coisas podem ser. Aí, ela grita "Ah não! Começou tudo de novo?"

Nesta hora, o nosso alcoólatra vira um verdadeiro artista. (Eu que sei. Eu já fiz esse papel dezenas de vezes para me safar de uma situação difícil perante minha esposa). Ele explica que não teve a intenção de beber, que não sabe como aconteceu, que lamenta muito ter feito aquilo (agora os olhos dele enchem e duas lágrimas rolam por sua face), que ama demais a sua esposa, que ela não merece, que nunca mais vai acontecer, que quer pedir mil desculpas, etc. etc. etc.

A representação dele é magistral (também, com todos esses ensaios!). Resultado: a esposa, que momentos atrás estava furiosa e deprimida, se sente como se tivesse batido numa criança. A promessa que ela tinha feito para si mesma — que nunca mais permitiria que aquilo voltasse a acontecer — começa a perder força. Começa a pensar que talvez a louca é ela mesma. Enche-se de sentimento de culpa por tê-lo "punido" tão severamente. E deixa passar. Só mais esta vez, pensa iludida.

Esta cena se repete vez após vez, durante anos, em centenas de famílias. Quero me dirigir às esposas sofredoras, angustiadas, deprimidas, perdidas, desesperadas, que vêm passando por esta experiência uma, duas ou mais vezes por mês, há muitos e muitos anos.

Você não vê, senhora? Você e seu marido estão presos dentro de um círculo vicioso. Você está sempre reagindo da mesmíssima forma a uma ocorrência que se repete

eternamente. *Mas nada muda.* Seu marido sabe que por pior que seja a crise gerada por sua bebedeira, talvez tenha que passar por momentos desagradáveis (sendo alvo de suas gritarias), e talvez tenha que se humilhar e fazer aquele papel de arrependido de novo, mas também sabe que, no fim, nada vai mudar. E amanhã poderá beber e repetir a dose tudo de novo.

Senhora, não fique esperando que ele mude. Ele não vai mudar porque não precisa mudar. A *senhora* é que precisa mudar *primeiro*. Saia você do círculo vicioso *primeiro*. Pare de viver reagindo a ele. Comece a se comportar de maneira completamente diferente.

A próxima vez que ele aprontar, ao invés de gritar-lhe e xingá-lo, fique quieta. Vá para seu quarto, chame uma amiga, combine com ela ir ao cinema, e saia de casa. Ou vá para uma reunião de Al-Anon. Ou leve os filhos ao parque zoológico. Seja o que for que decidir fazer, não discuta e não peça permissão. Simplesmente faça-o. E a *próxima* vez que seu marido aprontar, faça tudo de novo.

Se a senhora quebrar o círculo vicioso, não só estará garantindo sua própria sanidade mental, mas também estará ajudando seu marido. Mude você, e faça com que *ele* tenha que reagir à *sua* mudança.



CHÁCARA REINDAL

Especializada em
alcoolismo

*Sua melhor chance de se
recuperar do alcoolismo e
iniciar uma vida nova,
produtiva e feliz.*

Cx. Postal 20.896
01498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)

O espírito e psiquismo influenciam no viver bem

Avelino S. Godoy

Entrevista com o Psicólogo e sacerdote Neylor J. Tonin, formado, com consultório até há pouco tempo no Rio de Janeiro. Foi redator, por 17 anos, da revista de espiritualidade "GRANDE SINAL". Conselheiro espiritual de casais, e atualmente professor no Instituto de Teologia dos Franciscanos, em Petrópolis, e chefe editorial da Vozes. Autor do livro "DE CORAÇÃO ABERTO", que motivou esta entrevista, gentilmente concedida ao jornalista Avelino S. Godoy

AM — Por que e o que motivou o sr. a escrever "De Coração Aberto"?

NT — O livro é fruto de todo um processo de vida. Como psicólogo, tive a rara e feliz oportunidade de acolher muitas pessoas que chegavam a mim "de coração aberto". Como padre, igualmente. Posso dizer que os sonhos e infortúnios humanos, a grandeza e a fragilidade da vida passaram por meu consultório, pelo confessionário, pelo parlatório do meu convento e pelos caminhos de minha vida. Acolhi e fui acolhido. Vi o sofrimento e sofri junto. Confiei e mereci confiança. E, por isso, quis, "de coração aberto", aju-

dar as pessoas. Todo mundo tem uma grande capacidade para ser feliz e, em meu livro, eu quis reativar esta energia, fazendo as pessoas acreditarem em seus sonhos.

AM — Seu livro tem um subtítulo: "Psicologia e Espiritualidade". O que uma tem a ver com a outra?

NT — Exatamente. Há na pessoa várias energias ou faculdades, e duas delas são a psiqué e o espírito. O ideal é vivermos em paz conosco mesmos. Frequentemente, somos o campo de uma guerra, vivemos um conflito que nos causa mal-estar e tristeza. É preciso ter uns poucos conhecimentos sobre a complexidade de nosso mundo interior. Até que ponto o espírito e o psiquismo se interdependem, se sobrepõem e se influenciam mutuamente na busca da paz e da felicidade. Uma personalidade madura não teme as investidas do "bicho" que vive dentro dela, porque possui um espírito forte e esclarecido que orienta seu comportamento. Por outro lado, este espírito, não sufoca o colorido e o calor de seu mundo animal. Costumo dizer, de forma resumida, que um homem espiritual pode ser triste sem a graça do seu mundo psíquico, enquanto uma pessoa aparentemente satisfeita pode ser instável sem o aprumo e a firmeza do espírito. Estas duas forças juntas, espírito e psiqué, é que formam a pessoa completa.

AM — Qual foi, até o momento, a receptividade deste seu livro?

NT — Foi muito boa. Em 40 dias esgotou-se a primeira edição. Acredito que este tipo de livro estava fazendo falta. Há fases em que nos debatemos mais a nível de espírito e há ou-

tras em que a luta é mais com o animal que se esconde em nós. Tentar harmonizar os dois, para ser feliz, eis o grande desafio da vida.

AM — Em seus contactos com as pessoas, o que o sr. mais constatou em sua vida?

NT — Constatei que somos bons, mas nem sempre fazemos, com coragem, a experiência da bondade. Temos um sonho de felicidade, mas não abrimos espaço para sermos felizes. Sonhamos, mas não temos raízes, ou, às vezes, temos raízes sem grandes sonhos. Tanto num como noutro caso, quem sai perdendo é a pessoa humana. Só vivendo "de coração aberto" para a complexidade de seu mundo interior e para as riquezas da vida exterior é que a pessoa tem, verdadeiramente, chances de ser feliz.

AM — O que estaria faltando às pessoas para serem felizes?

NT — Estaria faltando uma razão para viver e uma paixão pela qual dar a vida. As pessoas estão muito amedrontadas e, por isso, vivem fechadas num egoísmo entristecedor. Não se abrem para os outros e, por isso, ninguém as fecunda. A pessoa acaba por possuir o que lhe parece sempre insuficiente, embora querendo sempre mais. Sobra-lhe, então, uma tremenda frustração, um amargo dissabor.

AM — O Sr. fala em "doença do espírito".

NT — Sim. As pessoas estão doentes do espírito. O corpo pode estar cheio de saúde, a inteligência pode ter sido bem treinada e a pessoa pode até gozar de um bom "status" social, mas

só o coração é sábio e tem capacidade para ser feliz. Mas o coração das pessoas do nosso tempo está chorando baixinho. Há alguma coisa dentro delas que não está bem. Seu coração se sente raquítico, sem asas para voar. Vê e quer os grandes valores da vida, mas seu espírito está sem forças, é anêmico. É a este estado de coisas que chamamos de "anemia espiritual", cujo fruto mais sentido é a tristeza de vida e o tédio de viver.

AM — *Será que o homem regrediu, quando tudo, principalmente a tecnologia, tanto avançou?*

NT — Aparentemente, a resposta poderia ser afirmativa, mas não devemos esquecer dos heroísmos anônimos do nosso povo, de seu sofrimento e de sua capacidade de resistência e recuperação. Ninguém mata o espírito dentro de nós. Mesmo quando nos sentimos apereados e agredidos, ainda assim continuamos intactos em nossa dignidade. Só espíritos fracos regredem. O que não podemos é trair os ideais que temos e cedermos diante dos mais fortes. Mesmo pobres, materialmente, podemos ser dignos e grandes.

AM — *Mas o povo não está meio alienado, sem perspectivas?*

NT — A situação econômica do país parece estar sufocando as esperanças do nosso povo no dia de amanhã. E visivelmente há uma tristeza generalizada em nossa sociedade. Há dias, um militar me dizia que são três os males do Brasil: a corrupção, a violência e a falta de solidariedade. Somos um povo desesperançado política e socialmente. Mais ou menos segundo a regra "cada um para si e Deus por todos". Mas o culpado disso não é o povo que trabalha e que constrói a duras penas este país. A maior carência que sentimos é de líderes.

AM — *Mas esta situação de conflitiva sobrevivência material não prejudica o crescimento interior?*

NT — Diante da miséria o povo não se pode, descompromissadamente dar

de ombros. Somos todos responsáveis pelos destinos comunitários. O faminho, além de irmão, será, na visão cristã, nosso juiz no último dia. A desesperança dos miseráveis é uma hipoteca que nossa consciência cristã e humana deve resgatar, porque não se pode viver sem a confiança no dia de amanhã. Amanhã deve ser para todos um dia de festa. Sem esta perspectiva, a chama de vários valores espirituais tende a definhir. Por outro lado, tempos de carência também são pródigos em despertar valores que podem engrandecer os que lutam, comunitariamente, por um futuro feliz e por dias melhores para todos.

AM — *Permita-me uma pergunta de caráter pessoal: Seu fardo é muito pesado?*

NT — É. Viver é um peso, pois a vida é complexa, exigente, mas não chega a ser desesperadora. Por dentro do amor de qualquer vida corre naturalmente muito sangue. Mas gosto do que faço e procuro fazê-lo sem cobranças excessivas e sem medos paralizantes. Procuro viver "de coração aberto", acreditando no milagre da vida e na providência de Deus. Viver é bom, é bom demais! Ao homem, digo em meu livro, "foi dada a sagrada honra de ser pastor da vida, porque ela é a manifestação, no tempo, do eterno e sacrossanto mistério de Deus". E eu amo este mistério. Por ele, aceito carregar qualquer fardo.

AM — *Como viver "de coração aberto"?*

NT — Vivendo para fora de nós mesmos, com a concentração pra valer de uma cartada definitiva. É verdade que podemos amar a vida com paixão ou apenas suportá-la penosamente. Podemos, medrosamente, sentar-nos à sua margem, deplorando-a e condenando-a, ou apaixonadamente mergulhar em seu fluxo e refluxo, sem nunca dela nos fartar-mos. Podemos fazer dela uma graça e bendizê-la, ou transformá-la numa cruz maldita e sem redenção. O que não podemos é viver de coração fechado, endurecido, sem as perspectivas de uma festa que só

acontecerá para os que estão e vivem "de coração aberto".

AM — *Hoje, o livro pertence a uma elite. Os pobres não têm possibilidade de ler.*

NT — Infelizmente é assim mesmo. Os preços dos livros estão proibidos. Mesmo assim, não é preciso ler muitos livros. Basta ler poucos com vagar e atenção, porque um livro é sempre uma pessoa, e nele há um encontro entre quem lê e quem escreve. Mesmo sendo poucos, estes encontros podem ser muito ricos e criativos.

AM — *Voltando ao Brasil, o sr. é otimista em relação a ele? O que nos espera amanhã? Há esperanças para o povo brasileiro?*

NT — Bem, somos um povo adolescente ainda. Há pouco tempo vimos, na televisão, a abertura dos jogos olímpicos. O povo coreano tem mais de cinco mil anos de história, é um povo, digamos, maduro. Isto não o isenta de ter grandes problemas nacionais, mas apresenta um grau de maturidade fascinante. O Brasil, como povo, ainda está engatinhando. Às vezes somos como crianças que adoram botar fogo na própria casa ou quebrar as vidraças do vizinho. Nossa virtude é a esperança. Temos uma população jovem, cheia de vitalidade, em busca de identidade, voltada para o futuro. Temos pouca história para celebrar e muita para construir. Por isso sou otimista: amanhã será melhor. Das lágrimas de hoje se levantará um sol radioso. Não desespere. Acredito.

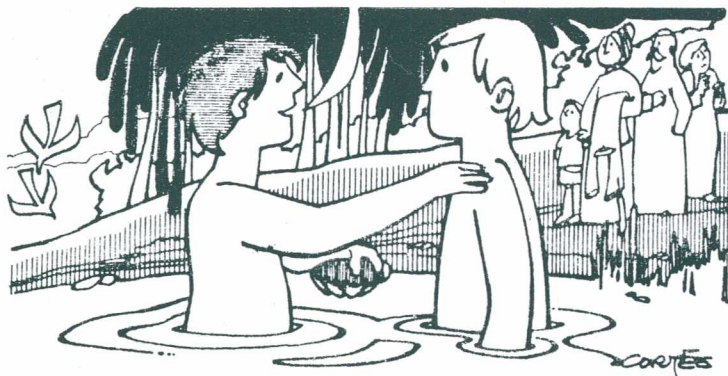
AM — *Para terminar, uma pergunta quase evidente: O sr. gosta do que escreveu?*

NT — Seria presunçoso dizer que sim e mentiroso dizer que não. Costuma-se dizer que um livro é como um filho. A gente o gera e solta no mundo. Os outros é que dirão se é bom, bonito ou não. De minha parte, gosto dele e uma vez que foi bem aceito acredito que muita gente estará dizendo o mesmo. Já estou escrevendo um outro, que espero seja ainda melhor, mais bonito. •

QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!

(Recado do Cortês)

FICO CONTENTE EM SABER QUE VOCÊ ESTÁ SE BATIZANDO POR ALGO MAIS DO QUE O MEDO DE MORRER PAGÃO...



E, trinta anos depois do mesmíssimo dia da plenitude dos tempos, apresentou-se Jesus, com cara de bom e mãos calosas, um homem como qualquer outro, apostando na força do ser humano, contra os costumes e a tradição.



As da oposição



**Agora
no Brasil!**

SÉRIE HISTORINHAS DA BÍBLIA

Faça já o seu pedido e receba pelo reembolso postal,
escrevendo para:
EDITORA AVE MARIA LTDA.
Rua Martim Francisco, 656
01226 - São Paulo - SP
CAIXA POSTAL 54.165
01296 - São Paulo - SP
ou ainda pelo telefone (011) 826-6111

Ncz\$ 0.86 cada



32 páginas totalmente ilustradas a cores.
Formato prático de 11,5 x 16,5 cm

Série de pequenas obras infantis, fartamente ilustradas, que tem alcançado expressivo sucesso em vários países da Europa e da América.

Empregando recursos próprios da narrativa infantil — como frases curtas, diálogos breves, palavras onomatopáicas, animais personificados — as **Historinhas da Bíblia** destinam-se em princípio a crianças entre 3 e 8 anos de idade. Mas têm também despertado o interesse de crianças maiores como atestam as seguintes opiniões:

“Adotei os volumes das **Historinhas da Bíblia** como obra paradidática para os alunos da 1.^a à 4.^a séries da escola onde trabalho. Foi um sucesso. As crianças desenvolveram muito o conhecimento da Bíblia e da religião, dedicaram-se mais ao desenho, e, principalmente, *interessaram-se bastante pela leitura*”.

*Maria Dolores Sánchez
Orientadora Pedagógica de Escola Pública
Espanha*

“Tenho três filhos de 12, 10 e 7 anos. Comprei um livrinho para cada um das **Historinhas da Bíblia**. Eles gostaram tanto que agora não param de pedir a mim e à minha mulher para comprar os outros da série. Para dizer a verdade, eles já têm todos os volumes...”

*Jorge Piagentini
Argentina*

“Em nossa escola ministramos o ensino religioso, que contudo não é obrigatório. Desde que adotamos as **Historinhas da Bíblia** referentes ao Antigo Testamento como obras de apoio às nossas aulas, constatamos um incrível aumento de interesse das crianças pelas aulas de Religião”.

*Judy Klein
Professora da Escola Israelita
Inglaterra*

Compre hoje mesmo para seus filhos ou alunos um ou mais exemplares das **Historinhas da Bíblia**. Você vai gostar dos livros. Mas as crianças vão adorar!

Títulos já lançados

*Deus fez o mundo
A arca de Noé
A grande família de Abraão
José, o sonhador
José ajuda seus irmãos
Um bebê dentro de um cesto
E o mar se abriu...
O alimento no deserto
Sansão, o superforte
Gedeão, o valente
Davi e o gigante Golias
Daniel e os leões
A competição dos profetas
Jonas e a baleia
A festa de Natal
O menino Jesus e os doutores
Jesus vai a um casamento
O soldado que dava ordens
Jesus anda sobre o mar
Leonel, o paralítico
A menina que reviveu
O homem que nasceu cego
O trigo e a erva malvada
Obrigado, Jesus!
A multiplicação dos pães
O bom samaritano
A ovelhinha perdida
Zaqueu e Jesus
O filho pródigo
O dia de ramos
O caminho da cruz
Jesus ressuscitou!*